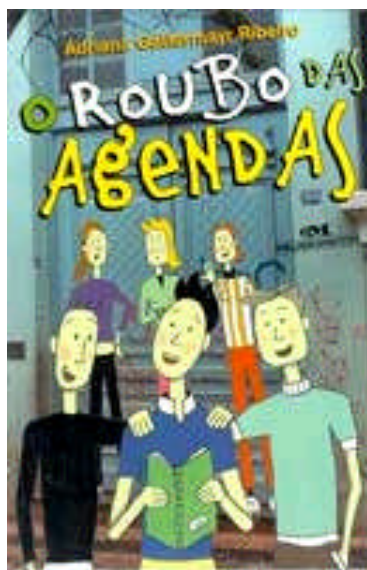




Adriana Gattermayr Ribeiro

O roubo das agendas



O ROUBO DAS AGENDAS

Ilustrações: Fred Motta

Diagramação: Art Feita Design Gráfico

2002 Adriana Gattermayr Ribeiro

Direitos de publicação:

2002 Editora Melhoramentos Ltda.

Impresso no Brasil

Ao meu avô

Newton

e a todos os amigos que me iluminam.

Capítulo um

(Desenho de três garotos em um corredor próximos a uma porta.)

Os três entraram pelo corredor agachadinhos, no maior silêncio. Guizinho tirou a chave do bolso e tentou colocar na fechadura, mas suas mãos não queriam colaborar:

- Vai logo, Guizinho! - sussurrou nervoso o Beca.

- Não dá, eu tô tremendo muito.

- Dá isso aqui - e puxou a chave da mão do menino.

Thiaguito achou que o Beca podia ser um trombadinha. Tinha talento: nem uma tremida. Três palitos e já estava lá dentro. O primeiro teve vontade de rir quando se imaginou contando para a dona Sônia: “Tia, o Roberto Carlos tem um dom especial para roubar coisa dos outros. Precisa de ver.”

- Thiaguito, pára de rir! O que é que deu em você?

A frase o trouxe de volta à realidade:

- Nada. É que o Beca é bom mesmo nessa história de roubar.

- A gente não está roubando nada, sua mula manca!

- Sssshhhhh! !!!

- A gente está só pegando emprestado... - completou Beca, bem baixinho, trancando novamente a porta.

Missão cumprida, os três agentes secretíssimos deram no pé sem o menor pudor. Correram não sei nem para onde, mas correram que nem uns malucos. Quando estavam chegando perto da sala dos professores, o Beca parou.

- A gente tem que devolver a chave, antes que notem o sumiço. Vou entrar bem devagarinho, deixar a chave lá e me mandar. Me avisem se chegar alguém.

Beca enrolou a mão na camiseta e abriu a porta. Cara esperto, nada de impressões digitais. Guizinho e Thiaguito acompanhavam a façanha do lado de fora quando ouviram passos.

Olharam para o corredor.

Olharam um para o outro.

Olharam para o Beca lá dentro.

- A... - Thiaguito ia berrar, mas o Guizinho pôs a mão na boca dele.

- Ssshhh! ! Precisamos tirar o Beca dessa!

- Mas a dona Domingos está vindo aí. Vamos dar o fora!

Guizinho segurou o braço do amigo:

(Desenho de uma senhora e dois rapazes, um ao lado do outro. A frente só o rosto de outro garoto com o olho esquerdo machucado.)

- Não! Vamos usar o plano B7.

- B7? ! ? ! ?

- É, Beca, Sete Vidas. Ele sempre escapa e vai tirar todo mundo dessa também.

- Ótimo plano!

- Meninos!

- Dona Domingos! !

- O que vocês estão fazendo aqui?

- Hã... É que... Sabe... A gente... A gente estava indo para a classe...

- Isso, classe! - concordou Thiaguito.

- Acontece que vocês estão cansados de saber que as classes ficam trancadas durante o recreio, que é justamente para ninguém entrar, não é, meninos?

- É, é. A gente sabe, sim. Não sabe, Guizinho?

- Sabe, sabe, claro que sabe!

- Então, o que é que vocês estavam fazendo aqui? - a voz engrossou: - Eu quero uma resposta e eu quero agora!

Dona Domingos sempre dava uma entonação demoníaca no agora. Ela realmente não facilitava as coisas. Como é que alguém consegue inventar uma mentira plausível sob pressão?

- Vamos! Eu quero saber!

- O que a gente estava fazendo?

- Exatamente!

- O que a gente estava fazendo? - “funciona cérebro, funciona, droga!” - Hã... O que a gente estava fazendo, Thiaguito?

Thiaguito ficou branco.

- Me levando para a enfermaria.

O plano B7 afinal funcionara. Lá estava o Beca, com um olho roxo surgido não se sabe de onde e uma cara de “estou passando mal” fantástica.

- Roberto Carlos! O que aconteceu com você? ?

- Ai, dona Domingos, nem te conto! A gente viu um sujeito entrando na nossa sala e fomos ver o que era. Acontece que era um ladrão e ele me socou até... ai - sentou-se, curvado.

- Meu Deus! - precisamos avisar a polícia, a diretoria, o corpo de bombeiros, o...

- Não!!! Quero dizer, não precisa... Quer dizer...

- O que ele quer dizer, dona Domingos, - interrompeu Guizinho - é que ele achou que era um ladrão, mas na verdade era o seu Moacir, o jardineiro, que tinha ido regar os vasos.

- Ah... - dona Domingos pensou por um instante e depois continuou indignada: - Mesmo assim! Tenho de falar com o diretor! Onde já se viu um jardineiro batendo nos alunos?

- Ele não bateu! - gritou Thiaguito.

- Não? - quis saber dona Domingos.

- Não?

- Não?

Os dois meninos fuzilavam Thiaguito com o olhar. O Q. I. de ostra acabara de destruir todo o álibi duramente construído.

- Não, não bateu. Na verdade a culpa é toda minha, dona Domingos.

- Estou ouvindo...

- Eu é que fiz o Beca e o Guizinho entrarem nessa...

Os dois começaram a perder a cor, e o Beca nem precisava mais da maquiagem, estava passando mal de verdade.

- É que eu gosto de uma menina da classe e ela me acha um ninguém. Pedi para o Beca simular uma briga comigo e deixar eu vencer. Ele topou, mas eu não queria machucar meu amigo, então o Guizinho deu a idéia de criarmos um olho roxo com maquiagem. A idéia foi ótima, mas só quem tinha sombra escura era a dona Dolores. A gente pegou sem pedir, eu sei que está errado. Gostaria de pedir desculpas a ela...

Desta vez eles tiveram de tirar o chapéu. A história do Thiaguito era

fenomenal. A professora ficou com dó do pobre menino apaixonado / arrependido e de seus fiéis colegas que queriam ajudá-lo a ser alguém. Essa tinha sido merecedora de troféu. E ele falara na maior cara-de-pau, com aquele biquinho de coitadinho. Os três riam juntos enquanto iam para a aula.

Não só o Beca não precisara explicar nada, como se saiu de herói, não teve de se explicar na diretoria, nem na polícia, nem na enfermaria.

- Thiaguito, você é um gênio! Se eu fosse maior de idade, estourava um champanhe pra você.

- Pode ser o seu guaraná, mesmo.

Beca arqueou uma sobrancelha.

- Tudo bem, mas não vá se acostumar...

A última aula foi de Geografia, correção de prova, o plano era perfeito. A matéria do segundo bimestre ainda não havia começado e, então, o professor não tinha nenhuma lição para dar. Ninguém abriria as agendas até o dia seguinte. Perfeito!

Realmente era o crime perfeito.

A idéia veio do Beca, lóóógico, todas as idéias vinham dele. Foi num desses fins de semana em que os três foram ao shopping. Estava passando Missão Impossível no cinema e um estava com um bico maior que o do outro. Motivo: as meninas, quem mais? Cada um tinha convidado uma para ir ao cinema e nenhuma das três aceitou. Foram ver o filme de pirraça, só para não dar o braço a torcer. E não é que o filme era bom?

Os créditos escalavam a tela:

- Humpf. Missão Impossível é entender as meninas. - resmungou Guizinho.

Beca arregalou os olhos.

- Iiiihhhh... Thiaguito, aquela cara outra vez... Observou Guizinho.

- E lá vamos nós! - ria Thiaguito.

Tudo bem, tudo bem, a coisa toda veio da frase do Guizinho, mas quem teve a idéia, idéia mesmo, foi o Beca:

- Olha só, olha só! Qual é a única coisa que faria a gente entender as meninas

- Neurônios a menos

- Não, sua besta, as agendas delas!

- Agendas? Pra quê? Eu já sei as lições que tem pra quarta.

- Esse menino é bobo ou dorme na pia? - perguntou Beca para Guizinho.

- É pra responder?

Beca virou-se para Thiaguito outra vez:

- Thi, pensa comigo. Usa o que tem aqui dentro! Alô, tem alguém em casa?

- Ai, não bate na minha cabeça, pô!

- Por que você acha que as agendas delas ficam daquele tamanho? - continuou Beca.

- Porque elas põem aquele monte de lixo lá dentro. Papel de bala, guardanapo, eca. Depois, menino que é nojento...

- Mas isso não é o mais importante. O mais importante é o que elas escrevem lá!

- E o que elas escrevem lá? - quis saber Thi.

- Nem te conto...

- Tudo bem - tentava entender Guizinho. - Todo mundo sabe que elas escrevem mundos e fundos naquelas agendas, mas ninguém vai deixar a gente ler.

- E quem falou em pedir?

- Cara, se eu tivesse uma agenda, eu escrevia sobre o dia de hoje - comentou Beca.

- Ah, eu também. Escrevia principalmente da cara da dona Domingos com peninha do Thiaguito.

- Eca.

Não fazia nem dez minutos que o sinal da saída havia soado e os três já estavam quase chegando na casa do Guizinho. Aliada à vontade natural de dar o fora da escola assim que o sinal tocasse, estava a vontade de abrir as agendas das meninas que eles haviam roub... oops, pegado emprestado. Beca, lá no fundo, era um bom sujeito. Só queria entender o que se passava na cabeça da Flavinha. Fez todo mundo jurar que iria devolver as agendas no dia seguinte. E juramento Los Três Amigos era coisa sagrada. Já haviam combinado de se encontrar às seis em ponto no colégio no dia seguinte para deixarem as agendas na caixa de achados e perdidos e, assim, parecer que as meninas tinham esquecido na classe.

- Vamos fazer o seguinte: - propôs Guizinho - a gente vai pra minha casa, vocês dormem lá e a gente troca as agendas pra todo mundo ler todas.

- Ah, Gui, não dá, meu pai vai em casa hoje. Se eu não estiver, já viu.

- Pô, justo hoje!

- Por que a gente não tira xerox?

Thiaguito saía do nada com umas idéias brilhantes. De vez em quando.

- Cara!! Grande idéia! Aí a gente nem precisa ler tudo hoje! O que aconteceu hoje, Thiaguito? O Teco acordou.

Os meninos diziam que o Thiaguito tinha só dois neurônios: O Tico e o Teco. E o Teco ficava sempre dormindo.

- Acordou. Acordou na cama da sua...

- Seu...

E saíram no tapa. Tapa de amigo.

- Pô, Gui, avisa a gente quando você volta pro treino de vôlei. Ai...

Capítulo dois

Guizinho chegou em casa com um pé e com o outro já estava lá em cima no quarto com a agenda aberta. Sabia que estava faltando alguma coisa... (estalo) “Ah! Pipocas!”

Estourou algumas no microondas e subiu. Trancou-se no quarto levitando de euforia. Ia começar a ler: “dia 12/6...”, TOE! TOE! TOE!. Respondeu delicadamente:

- O que você quer, pô!

Era a irmã menor:

- Ah, Gui, me dá um pouquinho dessa pipoca...

- Não enche!

- Manhê, o Gui não quer...

- Tá bom, tá bom!

Destrancou a porta e deu logo o saco inteiro de pipocas para ela. Trancou a porta de novo e foi ler sossegado. Olhou para o teto:

- Deus, eu gostaria de saber por que o senhor inventou as irmãs. Como contribuinte, exijo um relatório explicativo.

Sabia que o relatório nunca chegaria. Nem Deus podia explicar o porquê da existência das irmãs.

Recomeçou:

“Dia 12/6”.

Era um dia aleatório mais ou menos. Ele abriu numa data qualquer mas queria saber sobre quem a Carol tinha escrito no dia dos namorados.

“DIA DOS NAMORADOS”

Em seguida, um adesivo de coração e a seguinte frase recortada de uma revista:

“O amor (...) é um privilégio que dois seres se dão de se magoarem reciprocamente a propósito de nada. - Balzac (1799-1850)”.

- Nossa! Será que esnobei demais?

Guizinho achava a Carol uma graça, mas ela estava sempre atrás de algum menino. Ele resolveu dar uma de metido para ver qual era a dela. A menina continuou atrás de outros meninos e quase nem falava mais com ele. Isso o deixou meio triste, meio desnorteado, totalmente confuso. Tinha, agora, medo dela. Só que da boca para fora era orgulho. Dizia a todos que havia cansado, estava esnobando. Apenas nas reuniões Los Três Amigos podia dizer a verdade: que gostava dela, mas a desprezava de raiva porque ela também havia feito isso. Admitir o erro, jamás!

Continuou:

“Dizem que no Brasil são sete mulheres para cada homem. Eu já perdi a batalha feio para as outras seis, enquanto a Fernanda, da minha classe, já derrotou treze. Ela tem de escolher hoje se sai com o namorado ou com o Neto (que é superfofo, estou torcendo por ele). Será que ela é feliz?”.

- O quê????? A Fernanda está chifrando o Caio? Olha essas meninas...

“Eu acho que a gente devia ter o poder de se apaixonar por quem a gente escolhesse. Ia ser tão mais fácil...”

A Mari leu tarô ontem para mim. Ela não disse nada que eu não soubesse. E errou numas coisas sobre o Felipe.”

- Felipe? Ela gosta do Felipe?!?

“Eu só perguntei se ele gostou de mim alguma vez ou fui eu que fantasiei. Ela enrolou, enrolou e não respondeu. Deixa para lá. Mas disse uma coisa legal: Pior do que está não pode ficar. As coisas vão melhorar. Disse isso ontem. Errou.

Não. É que... É que eu gosto do Guizinho. Fiquei com pena dele quando não fui à festa.”

- Pena?

“Tive vontade de ir. E agora gostaria que tudo fosse como era antes. Que ele ainda gostasse de mim. Mas não gosta mais. E começa tudo de novo: eu babando por ele, ele esnobando; eu correndo atrás, ele nem aí. Já vi esta história antes. Não estou a fim. O melhor mesmo é ficar sozinha. Toda vez que eu fico gostando de alguém só me azaro. Quando vou aprender?

Eu gostaria que ele tivesse feito alguma coisa para mim no Dia dos Namorados. Ia ser tão bonito... Mas quem fez foi o Ricardo, aquele amigo da Flavinha, que queria ir ao cinema comigo.

Escreveu um poema para mim lindo de morrer, todo meloso, e foi

embora.”

- Quem é o ridículo que escreve poemas para uma menina? Que babaca!

“Meus olhos se encheram de lágrimas. Tive vontade de ir lá, esfregar o poema na fuça do Guizinho, mas fiquei parada, sem saber o que fazer.

Hoje teve também a apresentação do coral da sétima série. Fiquei surpresa, estava bem afinadinho. As músicas eram lindas e eu desejei que as pessoas esquecessem um pouco que era Dia dos Namorados.

Lembrei do Alexandre e me imaginei com ele.”

- O Alexandre? O professor de Biologia do colegial?? Mas ele tem uns cento e vinte anos a mais do que ela!

“A apresentação era meio que a trilha sonora do amor da sua vida. A gente sente uma coisa ruim se ouve e está sozinha. É como novela que acaba sem que todos as personagens formem pares. Não tem graça.

Não bastasse a música, lá estava o Felipe, com a dona do dia, dia 12, nunca eu... Feliz Dia dos Namorados!”

Guizinho sabia que ela gostava de um cara mais do que dele, mas não queria que comprovassem. Tudo estava ficando difícil. A situação e o texto. Não sabia que a Carol era tão poética assim. Já não entendia mais nada ou não queria entender.

“Lembrei do Carlinhos também.”

Carlinhos era o último namorado da Carol. Guizinho sabia dele. Era da outra escola.

“Ele sempre me escrevia poemas.”

- Pô, mas essa garota gosta do mundo inteiro ao mesmo tempo! Como pode dizer que gosta de mim?

TRRRRIIIIMMMMM!!!!!!!

- Juba! Atende aí pra mim!

- Tô no banho!

- Ai, minha paciência...

O menino destrancou a porta e foi atender na sala:

- Alô! O que que é?

- Por favor, o Sr. Eduardo?

- Ah... Eh... Desculpe... Ele não se encontra.

- E o trouxa do filho dele, tá aí?

- Beca, sua ostra cor-de-rosa! Eu te enforco!

- Há! Há! Há! Acho que tem outra pessoa que você vai querer enforcar primeiro...

- Como assim?

- Não posso falar pelo telefone. Pode estar grampeado.

- Ai, Beca, você foi ver Missão Impossível de novo?

- Não, melhor, vi um filme do James Bond. Classe A. Mas isso não vem ao caso, convoco uma reunião Los Três Amigos imediatamente!

- E o seu pai, Beca?

- Tudo bem se vocês vierem aqui; o que minha mãe não quer é que eu saia de casa. Além do mais, ele me trouxe um aeromodelo de babar.

- Mentira!

- Sério! É um model...

- Não!!!! Nem conta! A gente tem de se concentrar nas agendas!

- Tudo bem. Vem pra cá que eu vou chamar o Thiaguito.

- Falou.

Guizinho pegou a agenda da Carol e foi direto para a casa do Beca. Vestiu um casacão de náilon para poder esconder a agenda de vinte toneladas e doze quilômetros de diâmetro que levava. Quase não chamou atenção.

- Menino, aonde você vai com esse casaco num calorzão desses?

- Mãe, fique sabendo que a professora de Ciências disse que é bom suar porque elimina as toxinas.

- E o que ela disse sobre insolação?

Guizinho fingiu que não ouviu. Mães, sendo mulheres, eram incompreensíveis. Desde que tomou consciência como pessoa, o garoto ouve a mãe dizer: “Não esquece do levar o casaco, meu filho!”; “Gui, você está levando um casaquinho?”; “Filho, leva o casaco que pode esfriar!”. O único dia que ele leva, ela bronqueia...

No portão da casa do amigo, Guizinho deu de cara com a Solange.

- Oi, Gui! Brincando de agente secreto? - risadas...

- Não, não, estou eliminando as toxinas do corpo.

- Há, há, há! Essa foi boa. O que você está escondendo aí?

- Ué, nada...

(Desenho de dois rapazes num pátio, com mangueiras apontadas para um outro rapaz.)

- Guigui, Guigui, e essa agenda de menina aí, hein?

- Ah, er..., Ahn, essa agenda?

- É.

- Ahnnn... Eu estou, quer dizer, é que... Ah, é de uma menina que eu nem conheço direito que esqueceu na classe. Eu achei melhor guardar para devolver depois, assim ninguém vai ler.

- Ah, claro, e maçã não é vermelha.

Solange era a irmã mais velha do Beca. Com todo o respeito, a mulher mais bonita do planeta na opinião do bairro inteiro. E agora Guizinho acabava de descobrir que era também a mais inteligente.

No meio do papo, chegou o Sr. Armário, namorado dela, na moto/carro que tinha. Ela subia na garupa empinando o bumbum e balançando os cabelos, como se tivesse plena consciência de que, sem sombra de dúvida, era a miss universo. Pela primeira vez Guizinho tirou-a da redoma de deusa e murmurou baixinho:

- Bem coisa de menina mesmo, sair por aí exibindo o namorado como se ele fosse uma medalha olímpica.

Tocou a campainha. Pensou. Riu.

- Quem dera eu fosse uma medalhinha...

A campainha falou com Gui:

- A s-e-n-h-a!!

- Beca, sua mula, não enche e abre logo esse troço.

- Béééé!!! S-e-n-h-a e-r-r-a-d-a. P-a-s-s-a-g-e-m n-e-g-a-d-a. E-x-t-e-r-m-i-n-a-r i-n-v-a-s-o-r!

O portão do quintal abriu-se e dois jatos de água atacaram o menino. Metido num casacão de náilon, o espião russo até que achou muito bom e caiu na brincadeira.

GUERRA DE ÁGUA!!!!

E a bagunça começou. Foi água para todo lado até a dona Nilda gritar:

- Óia o desperdício! Tamo sem água na rua, menino, depois tenho como lavar as rôpa, não.

- Pra que lavar, já está tudo molhado mesmo! Há, há, há!

- Molhado! - Guizinho arregalou os olhos de um jeito que poderia enxergar os glóbulos brancos do corte da mão de um bebê na China. Tudo bem,

os glóbulos brancos não, mas o corte ele iria enxergar sim.

Beca olhou para Thiaguito.

- Tudo isso é por causa da minha irmã?!?

- MOLHADO! MOLHADA!

- Jisusmariajosé, meu padim Padi Ciço! O que que aconteceu com esse menino, virgi santa!

- Sei lá, dona Nilda, de repente ficou assim, brancão.

Guizinho gaguejava:

- A ag... age... a...

- Fala, caramba!

- A agenda!!!! - cuspiu Guizinho.

Subitamente os dois soldados restantes esbranquiçaram também. Dona Nilda começou a ficar preocupada com toda aquela brancura, porém, antes que pudesse perguntar alguma coisa, os três largaram as mangueiras e foram direto no casaco de náilon que jazia tranqüilamente numa poça d'água. De dentro foi extraído terror puro, infinitamente pior que Sexta feira 13, parte 13, em 3D:

A agenda da Carol absolutamente ensopada.

- Aaaaaaaaahhhhhhhhhhhhhhh!!!!!!

Guizinho quis chorar, Thiaguito quis desmaiar e Beca quis gritar: Manhê!"
Simplesmente sentaram.

Desespero é coisa de menininha.

- Se isso fosse um filme, agora seria intervalo - filosofou Beca.

- Se isso fosse um filme, eu não teria um problema, desligaria o vídeo e iria andar de skate.

- Aaaaiiii... Minha vida precisa de um botão volta/apaga - lamentou Guizinho.

- O que que a gente vai fazer, Beca?

- Não sei, Thiaguito, pensa você também, por que só eu?

Quando o Beca dizia "não sei" era porque a coisa estava feia. Agora, pedindo ajuda para o Thiaguito... Era o Apocalipse, o fim dos tempos, armageddon! Traduzindo para o português, claro: "Danou-se."

Mas nenhuma tragédia é completa até que todos à sua volta saibam dela. Principalmente os envolvidos.

- Oi, meninos!

- C-Carol?!?!?!?

- Tudo jóia?

Guizinho enrolou a sopa de agenda no casaco e sentou em cima dele.
Como quem não quer nada.

- Tuuuudo...

- Estão fazendo guerrinha de água?

- É...

- Não. Não estamos, Thiaguito! - consertou Beca, os olhos fulminantes.

- Não? Como não?

- A gente estava consertando um vazamento.

Carol riu.

- Só se for vazamento de mangueira!

Guizinho caiu na gargalhada. Ataque de riso. Carol achou que era muito engraçada e riu junto, mais ainda, toda orgulhosa. Thiaguito e Beca riram amarelo, sabiam que o ataque era nervoso. Guizinho quase morreu sufocado e Beca perguntou-se se essa não era mesmo a intenção.

Ficaram os quatro rindo ali, um tempão, até Carol notar algo estranho.
Parou de rir.

- O que foi, Thi?

- O que foi, o quê?

- Vocês estão esquisitos...

- Nós?

- É, vocês dois, você e o Beca. Não acha, Guizinho?

O menino parou. Raciocinando friamente, ela não tinha notado nada errado com ele, especificamente. Não havia escolha, achou que devia por bem se aproveitar-se da situação. Ordenou ao cérebro um pouco de autocontrole.

- Acho. Eu fiz uma guerrinha de água pra ver se animo os dois, mas pelo jeito...

Carol chamou Guizinho num canto:

- Mas o que que aconteceu? Eles te falaram?

- Não, não abriram a boca.

- Será que é por causa de alguma menina?

- Por que você está perguntando isso?

- Não... estou só chutando. Normalmente essa é a causa...

- Talvez. - Guizinho aproveitou a deixa: - É, acho que deve ser mesmo, porque outro dia eu vi o Beca conversando com uma menina no intervalo e

depois da aula ele saiu todo quieto.

- É mesmo? E quem era?

- Era a... - menina é fofoqueira mesmo. - Ah, não é da minha conta. Se ele não quer falar é porque não quer que a gente se intrometa, não é mesmo?

- Claro, claro.- meninos são tão alienados! - Mas você acha que o Thiaguito está a fim da mesma menina?

- Olha, Carol, isso aí eu já não sei e acho bom a gente não ficar fazendo fofoca.

A menina deu o braço a torcer com careta de ofendida. Não podia mais investigar, não queria ficar com fama de fofoqueira. A verdade é que Guizinho teria inventado toda uma história, não fosse o ciúme que sentiu da Carolzinha querendo saber demais sobre o Beca.

- Tudo bem, eu já estava indo embora mesmo.

- Não, não estou te mandando embora. - Guizinho segurou o braço da menina, ela capturou seu olhar por uns instantes. - Só... Fica.

Carol hesitou. Pensou um átomo. Abaixou os olhos e prosseguiu:

- Não, é sério, tenho de ir - virou-se e seguiu em frente, sem olhar para trás.

Beca aproximou-se:

- O que você disse pra ela?

- Disse que achava que você estava a fim de uma menina.

- O quê?!?

- Ah, Beca, ela que perguntou, o que você queria que eu falasse? "Carol, não é nada disso. É que a gente roubou sua agenda e agora ela está destruída. Você quer de volta ou posso jogar no lixo direto?"

- Guilherme dos Santos Pereira, o senhor sabe o que acaba de fazer?

- O quê?

- Um assassinato ideológico! Você acha que ela não vai perceber que foi a gente? - Beca alterou a voz. - Muito bonita a sua saída estratégica pela direita, mas não se esqueça que quem trouxe a agenda pra cá foi você e se sobrar alguma culpa pra gente, você afunda junto, meu irmão.

- Não vai acontecer nada. Ela nem lembrou da agenda ainda.

Beca respirou fundo contendo a raiva. Respondeu com ares de intelectual:

- Guizinho, pensa comigo: O que aconteceu aqui, agora?

- Nada, ela só achou vocês estranhos.

- Nada, vírgula, ela simplesmente elaborou essa teoria maluca de que eu estou a fim de uma menina.

- E o Thiaguito também.

- Também?

- Da mesma.

Beca deu um tapa na própria testa. Sacudiu os ombros do Guizinho:

- Sabe o que isso significa????

O amigo fez cara de interrogação.

- Significa que ela vai pensar sobre o assunto: um, conversando com uma amiga, o que espalha mais a fofoca, ou dois, escrevendo na agenda, que eu nem preciso falar as conseqüências. Parabéns, caro colega, você acaba de cortar o tempo que a gente tinha pra consertar a situação!

Thiaguito interrompe:

- Mas o que ele falou não é mentira, você gosta de uma menina, só que não estava estranho por causa dela. Ninguém precisa saber desse porém.

- Acontece que teoricamente eu não estava nem aí pra ela mais. O nosso amigo Guizinho acaba de salvar a pele dele e jogar a gente na cova dos leões!

- Mentira!

- Seu gordo caquético!

- Seu trombadinha!

Aí o Beca se ofendeu. Thiaguito tentou separar, pena que sua consistência tinha muito osso para pouca carne e o coitado apanhou junto. Em meio à poeira, gritou:

- Pára! Pára tudo!

Por um momento os dois pararam, ofegantes, mais por cansaço do que por obediência. Thiaguito ficou sério. Os três se olharam, sem falar, tentando entender, explicar, brigar, solucionar. Olharam-se. Olharam-se.

- Alguém pode me explicar que diabos significa “assassinato ideológico”?

Capítulo três

Beca sentou na calçada seguido dos dois amigos. E ficaram os três, abraçados, na sarjeta.

- O que que a gente vai fazer?
- Um assassinato ideológico! Há, há, há, há, há!
- De onde você tirou isso, Beca?
- Ouvi por aí. Chique, né?
- O que quer dizer?
- Não importa, é chique.

Ficaram em silêncio. A briga havia cessado, mas Guizinho sabia que o Beca tinha ficado magoado com ele. E a história toda nem foi por maldade. Quis arrumar uma desculpa que desviasse a atenção da Carol, ali, naquele momento. Não tinha culpa se não era tão inteligente quanto o amigo. Como ia saber que a menina ia direto escrever na agenda? Por um momento sentiu-se invadido. “Quem as meninas acham que são pra ficarem escrevendo sobre a nossa vida?” No entanto eles faziam parte da vida delas. Já estava numa viagem filosófica quando foi acordado:

- Deixa eu ver a agenda, Gui? - pediu Beca com pesar.
- Pega ali pra mim, 'Thiaguito, está embaixo do casaco.

O moleque trouxe uma papa esfarelada, que pingava gosma e papel de bala. A reação foi de buraco negro.

- É, acho que eu me aposento - concluiu Beca. Vocês?
- Humm... De acordo.

- Los Três Amigos se retirando... Vamos morar nas ilhas Fujii: quarenta graus o ano inteiro, muita água de coco, muito sossego...

- E nada de agendas.
- Nada de agendas!

Carol resolveu passar na casa da Flavinha primeiro:

- Oi, Flá! Preciso falar com você urgente!

- Agora não dá, Carol, minha irmã está fazendo sessão.

- Agora??

- É, a Fernanda e a Camila estão lá.

- Por que você não me chamou?

- Eu liguei, mas você não estava em casa!

- É sobre isso mesmo que eu queria falar...

- Depois, depois.

Flavinha puxou a amiga para dentro de casa. Na mesinha da sala estavam a Fernanda e a Mari, irmã da Flavinha.

- Iiihh, Fê, O Sol está no centro.

Um medo pairou no ar.

- Isso é ruim?

Mari riu:

- Não, é ótimo! A carta do centro é o resumo da situação.

Fernanda respirou aliviada. Todas riram juntas.

- Ah, como é que eu ia saber? Ela falou "iiiiihhh"...

- Ssshhh, deixa a Mari terminar!

Mari tinha a idade da Solange, eram amigas antigas de colégio, por isso Flavinha conhecia o Beca desde pequena. Nunca foram de conversar muito, até que ele caiu na mesma sala que ela, quando a turma do "E" se desfez.

Carol cochichou com a Flavinha:

- Quem é a próxima?

- Ninguém, mas acho que a Mari vai sair depois.

- Será que não dá pra ela ler pra mim?

- Não sei, vou perguntar.

Fazia já dois anos que a mãe da Flavinha tinha dado esse livro de tarô para a Mariana. No colegial, conhecia muitas pessoas que liam e se encantou. Queria porque queria aprender. A mãe, toda esotérica, orgulhou-se da filha e deu-lhe o presente, que vinha com um baralho do tarô dos anjos junto. Logo as amigas faziam fila. Mari achava gostoso. Divertia-se em ajudar principalmente as amiguinhas de sua irmã, tão perdidas e crédulas. O pessoal da faculdade era mais cético, fingia que não estava ligando para essas coisas. Ao menos Flavinha & EIA. eram mais autênticas.

(Desenho de duas moças sentadas em volta de uma mesa, onde estava umas cartas de baralho, e mais uma moça em pé.)

- Pelo que diz aqui, Fê, dessa vez vai...

- Aleluia!

- Mas ele está um pouco confuso, sim. Tem uma menina morena que está fazendo a cabeça dele contra você, abra o olho.

- Menina morena?

- É.

- Que estranho... Só pode ser a Júlia. Mas a Júlia é loira.

- Mari, dá tempo de você ler pra mim?

- Ahnnn... - a moça fez uma careta e a garota fez menção de ajoelhar aos seus pés. Mari riu. - Tá bom, tá bom, eu leio. Mas sem muitas perguntas, hein? Rapidinho.

- Rapidíssimo! A jato!

Carol, apressada, embaralhou as cartas de qualquer jeito. Mari deixou, tinha de ter “a energia do momento”. A pequena cortou e... Salve-se quem puder, lá vinha a revelação do século!

- Tem alguém te espionando.

- Espionando?!? Como assim???

- É, é estranho, também não sei. Essas cartas aqui dão a entender que tem alguém metendo o bico onde não é chamado. Toma cuidado...

Carol ficou intrigada e um clima tempestuoso invadiu a sala. Como toda menina que se preze, as amigas ali presentes confiavam umas nas outras, pero no mucho... Já na idade de saber que cada coisa tem seu lugar, sabiam também que mulher é bicho traiçoeiro, sedutor. Quando quer, pica ali mesmo, na ferida...

Subitamente, a sessão tarô deu lugar a uma brincadeira de detetive involuntária: silêncio total, olhos por todos os lados. Mari, sentindo o clima, brincou:

- Morri!

Todo mundo caiu na gargalhada. Dissimuladas...

Carol quis saber mais. Mari sabia que aquilo não ia acabar bem. Achou prudente deixar a dúvida no ar. É, para dizer a verdade, ela também não sabia dizer quem era pelas cartas, melhor sair-se de zelosa do que de mentirosa. E o

vespeiro ali era grande.

- Olha, Carol, eu falei que estava com pressa. Outro dia eu leio com calma.

- Ai, Mari, não faz isso comigo, não!

- Tenho de ir... Beijinhos e juízo, meninas! - pegou a bolsa e se mandou...

As presentes ainda trocaram fofocas animadas com alguns salgadinhos, entretanto a descontração deixara a sala com a revelação da Mari. Uma pulguinha beliscava Carol.

- Flá, acho que vou indo. Tenho um monte de coisas pra fazer em casa...

Claro, claro.

- Flá, tchauzinho! Tenho umas lições pra fazer, amanhã venho aí - emendou a Fernanda.

- ... hum...

- Flá, então acho que eu também já vou... - aproveitou Camila.

- Já? Tem um monte de salgadinho aí. Vamos ver um filme.

- Sabe o que é, tem um trabalho que eu não terminei ainda e quero me livrar logo.

Sim, sim, com certeza...

- Então tá bom, você é quem sabe.

- Vou indo.

Carol ainda olhou para Flavinha antes de ir embora. De repente, todos tinham lição de casa. O gozado é que só as duas não tinham. Espere aí... Não eram da mesma classe que todas as outras? Algo de podre no ar...

Com toda a correria da sessão e com tudo o que tinha acontecido, as duas amigas nem tinham conseguido conversar direito. Melhor assim. Quanto menos gente soubesse do que o Guizinho havia lhe contado, menor a chance de ser tachada de fofoqueira e, indiscutivelmente, a situação lhe fornecia um ás na manga. Como dizia o professor de História, quem detém a informação, detém o poder.

No caminho de casa tentava colocar as idéias em ordem: quem poderia ser a paixão secreta do Beca e do Thiaguito? O nome Flavinha correu pelo pensamento...

"Não, se fosse ela não ia ser nenhuma novidade, pelo menos da parte do Beca".

"E se o Thiaguito ficou com a Flá?"

Subitamente parou de andar, estarrecida com a hipótese. "Será que ela não

me contaria?" A pulga a incomodava.

Andou mais alguns metros e sentou numa mureta. Podia sentir as engrenagens do cérebro girando freneticamente. "Só se ela estivesse com inveja de mim... Mas por que estaria? A única coisa que realmente a incomoda é não estar com o Beca e eu não tenho nada a ver com..." O ar lhe faltou. "Será que..." Não ousou imaginar. Permaneceu sentada, quieta, com a mão no peito para segurar o coração que fazia menção de sair pela boca. O cérebro ainda funcionava e ela não pôde evitar:

"Será que o Beca está gostando de mim?"

Pronto.

Estava criada a confusão.

Tudo fazia muito sentido na cabeça da menina, por mais que os fatos dissessem o contrário. Abstrair conceitos e adequar realidades a teorias é uma especialidade do lado Eva da humanidade.

"Claro...", assombrou-se, "Por isso que ele e o Thiaguito estavam estranhos comigo! E por isso que eles não disseram nada para o Guizinho! E por isso que a Flavinha ficou com o Thiaguito... Pra fazer ciúmes pro Beca! E, não me contando, estaria se vingando de mim, de uma forma indireta, já que eu não tenho culpa se os meninos se apaixonaram por mim..." Esboçou um sorriso e saboreou a solução:

- Eu sou uma gênio!

Com a euforia do momento, Carol saiu correndo pula rua rindo e tentando absorver tudo o que tinha descoberto ali, de uma vez e sozinha. Estava ao mesmo tempo orgulhosa, alegre e apreensiva. Estava girando: fatos, frases, situações voltavam ao agora para encaixar-se no quebra-cabeça Salvador Dali que criara.

Virou a esquina trombando com o seu Genildo dos cestos de vime, cruzou o quintal em quinta e ao pisar em casa foi direto para o quarto, abriu a gaveta, pegou uma caneta, abriu a mochila e... Epa!

"Cadê a agenda?????"

Capítulo quatro

Realmente era um quadro patético. A infeliz da garota ainda cismou de escrever os últimos dois meses com caneta tinteiro. Beca foi categórico:

- Doutor, sinto avisar, mas deu PT.
- PT?
- Perda Total...

Instintivamente os dois colegas levaram a mão à testa como que segurando o desespero que invadia o cérebro.

O silêncio reinou por dois minutos e teria sido eterno se o Beca não tivesse esboçado uma reação:

- Sabe, Gui, com a confusão nem te contei...
- O quê?
- Eu li na agenda da Flavinha que tem uma menina caidinha por você.
- Ah, é? Quem?
- A Dora.

Fossem outros tempos, a gargalhada seria geral, agora Guizinho apenas lamentou:

- Azar o dela. Ou melhor, sorte, porque se eu gostasse dela, a coitada ia estar sem agenda hoje.

- Gordas não escrevem agendas - interrompeu Thiaguito.
- ?

- Quem falou?
- É estatisticamente provado - afirmou.

- Pára de falar besteira, moleque! - provocou Beca com um tapa na nuca do amigo.

- Ai, ai, ô! É verdade! Menina feia não escreve agenda, não pula cerca e é EDF.

- Eu acho a Juliana feinha, feinha.

Thiaguito ficou sem resposta. A Ju não era bonita, não. Não era meeeesmo.

Mas tinha estilo. E que estilo! Andava com o nariz em pé e os pés em dez para as duas, rebolando os quadris como quem não sustenta a bacia só de preguiça. Tinha três furos em cada orelha e um no nariz. Cabelo? Curtinho, curtinho. Hoje verde, amanhã azul, vermelho, roxo... Por que não laranja? Thiaguito flutuava atrás, paixonite platônica aguda. Pena que ela andava jogando um charme para o tal do Sombra.

- Você chegou a ler alguma coisa da agenda dela, Thiaguito? - quis saber Beca.

- Li.

- E...?

- Nada bom.

- Em que sentido?

(Desenho de uma colega falando com a outra pelo telefone.)

- Ela diz que está apaixonada pelo Sombra.

Beca e Guizinho fizeram um silêncio respeitoso. Não era o fato de que o Thi tinha sido largado para escanteio, o problema ali era o Sombra. Figura estranhíssima. Várias histórias sobre o menino passeavam pelos corredores da escola. Algumas bem cabeludas...

- Ele sabe?

- Eles já saíram.

Beca deixou escapar um "iiihhh..."

- Pois é. Foram assistir Missão Impossível. Depois foram andar de skate lá para os lados da casa dele. "Super-romântico", segundo a Ju. Querem ver o que ela diz?

- Você trouxe a agenda dela???? - assustou-se Beca.

- Não, não sou trouxa - lançou um olhar cortante para Guizinho que quis arrancar-lhe as orelhas. - Trouxe o xerox.

- XEROX!! É ISSO!

- Isso o quê, Guizinho?

- Thiaguito, você tirou xerox de todas as agendas, certo?

- Certo, ué.

- Então você tem um xerox da agenda da Carol, não tem?

- Tenho.

- Pronto!! - comemorou Guizinho.

- Que pronto o quê, seu ser decrepito! De que adianta o xerox? “Carol, a gente destruiu sua agenda, mas tem o xerox, ta? Não estressa.”

- Não, seu projeto de minhoca, com o xerox a gente pode reconstruir a agenda dela!

- Ah, sim, claro - Beca estendeu a mão num cumprimento para Guizinho. - Meu nome é Roberto Carlos, falsificador profissional, muito prazer. Aqui está meu cartão. Falsifico letras, números e assinaturas. Ah, e de quebra reconstruo páginas esfareladas. Meu telefone está aí embaixo - disse entregando-lhe um guardanapo que tirara do bolso.

Thiaguito riu.

- Foi só uma tentativa, pô. Se achou tão ruim, por que não dá uma idéia melhor, Senhor Gênio Universal?

Beca fez cara feia. Não tinha uma idéia melhor e teve de recolher a língua para trás dos dentes. Thiaguito conjecturou:

- Olha, a gente ia pôr na caixa de achados e perdidos, não ia?

Beca fez que sim com a cabeça. O menino prosseguiu:

- Se a agenda aparecer lá, molhada ou seca, não faz diferença nenhuma. Ninguém vai saber o que aconteceu, nem quem pegou do mesmo jeito. Só vão saber que alguma coisa molhou a dita cuja. Poderia até ser uma faxineira que foi limpar o chão da sala e derrubou água nela sem querer...

Guizinho olhou para Beca concordando com o relato. Com um sorriso irônico, o dono da idéia inicial, que gerou toda a balbúrdia, pronunciou-se:

- O problema aqui não é esse. Se a gente não falar, ninguém nunca vai saber, mesmo. Acontece que a gente destruiu o que a Carol tem de mais valioso. Imagina se alguém fosse na sua casa, Thi, e chutasse a Biloca até ela quebrar em duas?

Biloca era a vira-lata do menino.

- Acontece que o que a gente fez não foi por querer.

- Tudo bem. Agora imagine que eu levei a Biloca pra passear e um dobermann palitou os dentes com ela.

A cena foi demais para o coitado e ele começou a passar mal. Reunindo as últimas forças, argumentou:

- Tá, mas ainda assim foi sem querer...

- Então imagine que eu nem pedi pra você, fui levando porque me deu na

telha e pronto. Você só foi saber quando o dobermann já estava lambendo os beiços.

Thiaguito coçou a cabeça.

- Sabe o quê? Vamos devolver as outras agora antes que aconteça outra me...leca.

- De acordo. Guizinho?

- Tô dentro.

Los Três Amigos levantaram decididos e foram buscar as agendas restantes nos respectivos QG's.

TRRRRIIMMMMM!!!!!!!

- Oi, você ligou para a casa de Leonor, da. Flávia e da Mariana. No momento não podemos atender; deixe seu recado após o bip. BEEEEEEP!

- (Desespero) Flá! Você tá aí? Flá, atende, por favor, preciso muito falar com você... Fláá! Atende, droga!... Ai... Flá, assim que você chegar em casa liga pra mim, por fav...

- Alô, alô, alô, tô aqui!

- Flá, que bom!!!!

- O que que aconteceu, Carol?

- Minha agenda está com você?

- Não, que eu saiba, não. Por quê?

- Por favor, vá olhar pra ter certeza. Eu espero.

- Mas o que que aconteceu? Ela sumiu?

- Vai logo, depois eu te falo.

- Tá.

- Flá, Flá!

- Hã...

- Olha bem!

- Tá, espera um pouquinho.

Carol roia as unhas. Rezava cada segundinho e jurou que ia aprender o pai-nosso assim que achasse a agenda. "Bem que a Fernanda me falou pra escrever em código..." Não gostava nem de imaginar o que poderia acontecer se alguém lesse as coisas que havia registrado ali. A dor de barriga aumentava...

- Carol, Carol!!! - igualmente desesperada.

- Achou?

- A minha também sumiu!!!!

Beca às vezes parecia o Batman. Vinha com umas enghocas mirabolantes que só perdiam em criatividade para o plano ao qual eram destinadas. A única diferença é que não era cinto, mas mochila de utilidades, e o Alfred atendia pelo codinome de Dona Nilda.

- Beca, você tá indo pra Polônia ou o quê?

- Melhor, estou indo para a missão SUIEIDA.

- Hein?

- S.U.I.C.I.D.A.: Salvamento da Única Identidade Criada Independentemente pelas Doidas que Amamos.

- “Doidas que amamos?” - Thiaguito torceu o nariz.

- Ai, Beca, pra que que eu pergunto as coisas pra você?

- Pra rir um pouco...

- E quem disse que foi engraçado?

- Ria pela amizade, então - deu de ombros.

- Vale a pena? - perguntou Guizinho pra Thiaguito.

- Hã...

- Vambora e não enche o saco! - cortou Beca.

Os três saíram triunfantes na missão de paz, equipados com as agendas alheias e alguns dispositivos antitapas inventados por Beca. Ah, sim, e o equipamento de emergência para o plano F.E.T.: skates.

- Plano F.E.T.?

- Iiihh, Thiaguito, nem pergunta. Já sabe que vem besteira.

- Tudo bem, eu não respondo, mas vocês vão ficar sem plano backstage.

- Hummm, international!

- É a globalização, meu filho, os russos já eram! - esnobou Beca.

- Ai... É BAEK UP, energúmeno! - corrigiu Guizinho.

- Tudo a mesma pórcary...

Gargalhada...

O plano era o seguinte: se Maomé não vai à montanha, a montanha vai a Maomé. Acontece que Maomé saiu correndo atrás da montanha e a montanha não estava onde deveria estar, por isso os três mosqueteiros, digo, Los Três Amigos iam devolver a montanha onde a tinham achado. S.Q.P.

- Não, Beca, no final a gente põe E.Q.D.: Como Queríamos Demonstrar.

- É, só que no nosso caso é Salve-se Quem Puder!

Traduzindo o raciocínio do Beca, os meninos iam nas casas das respectivas

senhoritas devolver as agendas. Não se espantem, resolveram fazê-lo de maneira discreta, isto é, sem ninguém perceber. Poderia ser jogando pela janela do quarto, largando no quintal, passando por baixo da porta... “Não dá, sua mula, é muito estreito, dãrrrr!”, enfim, o que passasse pela cabeça. A ordem do dia era improvisar.

- Thiaguito, você vai para a casa da Ju, eu vou para a casa da Flavinha e você vai para a casa da Carol, falado?

- Hã... Só um detalhe.

- Fala, Guizinho.

- E o Sansão?

Pronto.

Problemas.

Estava tudo indo tão bem...

Carol tinha posses, morava numa bela casa, com muro alto e portão eletrônico. Tudo muito tecnológico, mas nada que um moleque não pudesse pular. O problema era o nível dois do videogame: o Sansão. Do tamanho de um cavalo, o singelo cachorro da amiga era dentes, latido e baba. Pesadelo em pêlo.

- Vocês são todos umas madames. Deixa que eu pulo, vai. Você vai na Flavinha, lá não tem cachorro, querida.

Guizinho ficou ofendido por ter sido chamado de covarde nas entrelinhas, mas o medo do Sansão era pelo menos uns dez quilos mais pesado que seu orgulho.

Cada um foi para sua área de atuação e, quando se viu sozinho, Beca descobriu que, digamos assim, não era tão destemido quanto julgava que fosse.

- E se esse bicho cismar de me engolir?

“E se...” é um problema. Uma mente fértil como a do nosso amigo Beca imaginava coisas que nem sequer passavam pelo cerebrozinho do cão que jazia a roncar do outro lado do muro. Enquanto o menino suava frio, o portão abriu-se.

Carolina.

“Ihhh... Danou-se!”

Adrenalina a oitocentos e vinte (de uma escala de cem).

Pernas balançando.

Rosto contraído.

Estômago embrulhado.

Já vimos estes sintomas em algum lugar...

- Beca?

- O-ooi, Carol... Tudo bom?

- Tudo bem.

Silêncio.

- Você quer falar comigo, Beca?

- Quero - olhou para baixo. - Na verdade, não, mas...

Carol parou de ouvir. Tudo começava a ficar claro... O garoto estava visivelmente nervoso e com algo para dizer, algo muito difícil. Ele estava apaixonado! Ela estava certa! Hesitou por um momento, entretanto concluiu que a agenda podia esperar.

- Hã... Beca, acho que você tem algo muito importante pra me dizer, não é? Melhor entrarmos...

“Nossa! Tô frito! Ela sabe!”

Beca começou a tremer quando a menina o puxou pela mão para dentro de casa. Tinha certeza de que era uma armadilha e os pais da garota o esperavam com a polícia na sala de estar. Carol sentia a mão dele suando e achou meiguinho o amigo. Começava a sentir carinho pelo jeito acanhado do moleque. Beca não sabia se saía correndo ou se já enfiava a cabeça na boca do Sansão de uma vez.

O são-bernardo roncava placidamente.

Capítulo cinco

Thiaguito não lembrava direito onde era a casa da Ju. Sabia que era atrás do campo de futebol, mas não lembrava se era para o lado da padaria ou da loja de CD. Também não podia perguntar. Deu pelo menos umas três voltas no quarteirão e arredores até cansar e sentar na calçada. Tirou um chocolate parcialmente derretido do bolso e lentamente foi despelando, a lamber papéis. Pensava no caminho, nas agendas, no Sombra. Ajeitou-se encostado na cerca que protegia a muda de árvore e deu as costas para a rua. Limpou as mãos nas calças e pegou a agenda, abrindo num dia qualquer, “23/9 d.S., depois do Sombra”. Um papel de bala voou.

“Acho que nunca conheci uma pessoa como ele. A gente sai para andar de skate, é o máximo! Ele é tão parecido comigo e tão diferente de todo mundo. Não é como os meninos da classe, que são todos trouxas. Ele é autêntico, já viajou para Chicago, já foi em bares europeus. Fiquei até sem graça de ter ficado bêbada com dois chopes. Quis o tal do rabo-de-galo, mas ele falou ‘depois, depois’, aí quem ficou lelê foi ele. Acabei não tomando. Da próxima vez, eu experimento, aí eu já vou estar mais...”

Thiaguito parou de ler. Desde que a prima vomitara no seu casaco na festa da Nicole, sentia nojo de menina que bebia. Quis criar um sentimento de repulsa pela Ju. No entanto, a garota continuava o máximo, morria de amores por ela. Abriu outra página mais para frente:

“Às vezes o Sombra enche o saco! Fez o maior escândalo por causa da caneta que o Thiaguito me emprestou”.

- Opa! A coisa tá melhorando...

“Se ele soubesse que não tem nada a ver... De todos os meninos do mundo, o último que eu ia escolher era esse moleque sem-graça.”

Agora o negócio tinha engrossado. Thiaguito lia a agenda de pé, o fogo saindo pelas orelhas...

“Como os meninos têm ciúmes de besteiras!”

- Besteiras?!?!? Sua peruazinha metida a hippie junkie da Vila Belmiro! - bradou contra a pobre agenda.

“A gente discutiu e ele saiu batendo a porta como sempre faz. Fingi que não liguei, como disse a Paola. Será que ele volta?”

- Tomara que volte mesmo, sua rata de boteco metida à AA! Vocês se merecem! - e jogou as confissões da menina no chão.

E pulou em cima. E chutou.

- Cara, isso faz um bem!

Já pegava a mochila para voltar para casa, largando a agenda lá mesmo, no meio da calçada de algum lugar do mundo, onde ela merecia estar, e torcia de coração para um cachorro passar em cima e fazer xixi. Acontece que o Beca apareceu para ele em consciência que nem um diabinho: “Agora imagine que eu levei a Biloca pra passear e um dobermann palitou os dentes com ela. Então imagine que eu nem pedi pra você, fui levando porque me deu na telha e pronto. Você só foi saber quando o dobermann já estava lambendo os beijos”.

- Tá bom, tá bom, eu devolvo! - gritou consigo mesmo.

Novamente de posse da batata quente, preparava-se para retornar à peregrinação rumo à casa da ex-atual-ex-atual-ex-atual-ex? amada Juliana quando sentiu aquela cisma de perseguição. Alguém o seguia.

Parou. Olhou.

Nada.

Prosseguiu, ativando o olho das costas, no entanto a sensação persistia.

Parou novamente. Olhou.

Olhou.

Olhou.

Ninguém.

Começou a andar mais rápido e agora tinha certeza de que havia alguém! Ou não? Desacelerou, olhando para trás, em volta, à frente e novamente atrás.

(Desenho de um rapaz com uma mochila nas costas, olhando desconfiado para trás e atrás de uma árvore tem um outro rapaz acenando com a mão.)

Parou. Olhou. Deu de ombros.

Recomeçou a caminhar... SOMBRA.

- Olha só quem está passeando nestes lados...

- Eu não estou passeando - “que burro!”

- Ah, não? E o que faz aqui, então?

- A rua é pública - “yes!”

- Não.

- Não?!? - “xiiii...”

- A rua é minha.

Sombra só fez um sinal com a cabeça e seus capangas, digo, amigos, pegaram o Thiaguito de jeito. Foi soco para todo lado enquanto o namorado da Ju exercitava sua retórica:

- Se a rua é minha, você me deve por estar passando nela. Vamos ver o que você tem aqui. Hum-mm... Acho que essa mochila serve.

- Sombra! Vem vindo gente!

- O que você está esperando? Se manda, moleque! A gangue evaporou-se no asfalto e o Thiaguito ficou chutando o ar por mais uns quinze minutos. De olho inchado ele nem enxergava mais se o caminhão que o atropelou já havia ido embora. Foi um casal que o encontrou na rua e o levou para a farmácia.

- A coisa foi feia hein, garoto?

- Feio sou eu, a coisa foi horrorosa.

- Trombadinha?

- Trombadinha sou eu, eles eram... quer dizer, maneira de falar, né? Eu não roubo as coisas, só... - quanto mais falava, pior ia ficando. Resolveu calar-se.

Os curativos estavam demorando. O menino não lembrava de ter ficado tanto tempo numa farmácia, nem quando bateu a cabeça no trampolim da piscina do prédio.

- Eles levaram alguma coisa ou foi só ajuste de contas?

Pronto. O farmacêutico já estava achando que o Thiaguito era traficante e arrumou briga com outra gangue.

- Não, levaram minha mochila. Com livros da escola.

- Ah.

Alguma coisa o incomodava. Era a mochila e os livros. O que mais ele tinha na mão, mesmo? Começava a achar que um soco atingiu a memória. Era a mochila, os livros e... e... MINHA SAGRADA NOSSA SENHORA DO PERPÉTUO SOCORRO!!

- Fala, Beca.

Pelo menos a sala estava vazia, nenhum policial, só os dois. Beca respirou.

Mas... E se estivessem escondidos, só esperando a confissão? O ar prendeu-se novamente em seu pulmão. Achou por bem sondar, muito discretamente...

- Estamos sozinhos aqui na sua casa?

Carol ficou vermelha. Que ousadia! Pensou se devia mandá-lo embora...

E a curiosidade?

Agüentou firme a vergonha e a sem-gracice, queria ver até onde ele iria. O menino ficava cada vez mais interessante. A Flavinha? Ah, ela não precisava saber. Não ia acontecer nada mesmo.

- Estamos so-zi-nhos... - seguiu-se aqui uma expressão cheia de intenções com a qual até a própria Carol se espantou.

Beca nem prestou atenção. Só ficou mais aliviado em saber que não era uma emboscada. Inconscientemente esparramou-se mais no sofá, o que involuntariamente o fez se aproximar de Carol. A menina olhou para cima, evitando os olhos do garoto e procurando não tremer muito.

Beca, por sua vez, procurava na memória palavras para dizer o impossível. Sua testa brilhava em neon verde-limão a frase: "Carol, fui eu que peguei sua agenda e ela está destruída". A boca, no entanto, permanecia trancada.

Parar encurtar essa história do sofá, os dois permaneceram no silêncio sem se olhar por pelo menos uns dez minutos, o que deve ter sido um recorde mundial.

Carol não agüentava mais, Beca queria subir pelas paredes...

- Carol!

- Beca!

A história da agenda já estava na pontinha da língua do Beca quand...

BEIJO!!!!

Hummm...

Lá se foi a história, em silêncio, da boca do Beca direto para a boca da Carol, sem passar pelo cérebro.

Foi um momento gostoso-esquisito. Beijar foi tão bom! Carol tinha ficado com o Carlinhos um mês, mas ele nunca a beijara de língua. O Beca... o Beca era maravilhoso. Queria que não tivesse acabado...

O garoto virou um ponto de interrogação. A Carolzinha tinha um gosto doce na boca, beijava macio... O problema foi abrir os olhos e dar de cara com

um rosto que não era da Flavinha. Alguma coisa estava errada.

TRRRRRRIIIIIIIIMMMMMMMMMM!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Carol permaneceu imóvel.

Beca idem.

TRRRRRRIIIIIIIIMMMMMMMMMM!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

TRRRRRRIIIIIIIIMMMMMMMMMM!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

TRRRRRRIIIIIIIIMMMMMMMMMM!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

- Você ligou para 5561-1385. No momento não posso atender, tenho mais o que fazer; me ligue depois ou deixe recado. BEEEEEEP!

- Carol! Sou eu, Flá, você ainda está em casa? Carool! Atende!

A menina encolheu-se no sofá e o menino mais ainda. Ninguém ousou mover-se.

- Carool! Estou te esperando! Ainda não achei minha agenda. Qualquer notícia me ligue, mas vem pra cá de qualquer jeito.

TU TU TU TU TU TU TU...

Carol engoliu seco. Beca levantou-se, pegou a mochila e tudo o mais que carregava e simplesmente saiu. Antes de fechar a porta, foi categórico:

- Olha, nada disso aconteceu, tá?

Capítulo seis

Aula de Português era sempre a mais devagar. A professora escolhia um tom de voz e, como numa partitura de mantra, permanecia nele até o fim. Sim, o tom era sempre baixo e ajudava muito na árdua tarefa dos alunos. Aprender era supérfluo, a necessidade primeira era manter os olhos abertos. E que difícil, meu Deus, que difícil!

Naquele dia específico, porém, quatro matriculados estavam absolutamente acesos: Carol, Beca, Flavinha e Thiaguito. Cada um com sua história. Os dois primeiros não podiam nem se olhar, embora, bem lá no fundo, era o que mais queriam. Também não podiam nem olhar para a Flavinha. Restou olhar para o Thiaguito, que não podia olhar para ninguém porque estava de óculos escuros.

Um bilhete, por acidente, chegou até as mãos do Beca:

“Quem está achando ridículo o Thiaguito de óculos escuros no meio da sala assina embaixo”.

Seguia-se, então, uma lista de nomes, que iniciava com ninguém menos que Juliana, e comentários maldosos a respeito. Beca morreu de raiva. Sabia que algo errado acontecera, porque se tinha uma coisa que o Thiaguito não fazia era dar uma de metido. Pensou em entregar o bilhete para a professora, mas isso só ia chamar a atenção dela para o amigo. Pensou, então, em entregar direto ao Thiaguito. “Não. Ele vai ficar muito chateado com a Ju.” Acabou entregando para a Flavinha com uma nova pergunta:

“E quem sempre achou uma porquice o brinco de nariz cheio de meleca da Juliana assina embaixo.”

Flavinha riu e assinou. Olhou para o Beca e deu uma piscadinha, passando o bilhete para a Fernanda. Beca não conseguiu nem sorrir direito para a menina. Sentia-se muito, muito estranho. Procurou ocupar-se com outra coisa que não a aula chata para não pensar nas coisas que haviam acontecido. Aproveitando a história do bilhete, escreveu um para o Thiaguito: “O que aconteceu com seu

olho?”

Juliana sentava bem atrás do Thiaguito e não houve jeito, quando o bilhete voltou foi interceptado. Beca teve vontade de levantar e dar uns tabefes na intrometida. Quem a menina pensava que era? Mas o bilhete retomou o rumo e ele sossegou. Principalmente depois que leu a resposta:

“Ju, pára de ler que este bilhete é para o Beca. Se você quer que eu te escreva bilhetinhos, é só falar, mas não fica lendo o dos outros, não.

Para o Beca: Rímel, cara. Entendeu?”

Na hora pairou um ponto de interrogação no ar, mas depois o quase-irmão entendeu o que Thiaguito quis dizer.

Lá pelo meio da aula, chegou o Guizinho. Uma cara estranha... Beca observava tudo. Mil assuntos embaralhavam-se em sua mente, como uma escola de samba desgovernada, mas ainda assim prestava atenção em tudo. Ou melhor, por isso mesmo é que prestava atenção. Menos na aula.

- Onde está o verbo?

- Quem?

- Quem o quê?

- Como “quem o quê”, professora?

- Do que você está falando, Roberto Carlos?!

- Eu sei lá, professora! A senhora perguntou primeiro.

Cida olhou para cima como quem segura um palavrão. Prosseguiu com firmeza:

- O verbo, meu querido, o verbo.

Em primeiro lugar: Beca odiava que o chamassem de “meu querido”, principalmente quando vinha de alguém como a Cida. Segundo: não estava com vontade nenhuma de pensar, muito menos de entender o que ela estava falando e muito, muito menos ainda de ser razoável.

- O que é que tem ele?

- QUERO SABER ONDE ELE ESTÁ NA FRASE!!!!!!

- Ah, bom. A senhora não explica...

(Desenho de dois rapazes em pé na sala de aula e uma moça sentada em uma carteira.)

A classe caiu na gargalhada e a professora perdeu a paciência:

- Pra fora.

- Mas prof...

- PRA FORA! AGORA!

Beca fingiu estar com raiva e foi saindo. Antes de cruzar a porta, fez sinal para o Thiaguito e o Guizinho. O primeiro reagiu no mesmo instante:

- Professora! O Beca não tem culpa se a senhora não explica.

- Você quer ir para fora também, mocinho? - retrucou a senhora, com o olho esquerdo tremendo em raiva contida.

- Pra dizer a verdade, eu não estou nem aí.

Fez-se um silêncio na classe e Juliana fixou os olhos no menino. De repente achou alguma coisa de novo nele. A atitude, a coragem, a irresponsabilidade. Achou uma graça. Um garoto tão pequeno e tão invocado! Thiaguito, por sua vez, mal se lembrou da menina na terceira fileira. Estava mais preocupado com o amigo, as agendas e o próprio couro.

Flavinha olhou para a Carol, querendo imediatamente comentar tudo de estranho que estava vendo ultimamente e milésimos de segundos passaram até que ela pudesse perceber que a amiga a estava ignorando. Achou mais estranho ainda. Sentiu-se um tanto magoada.

Thiaguito permanecia em pé, imóvel, observando os óculos da criatura que ia arroxendo na sua frente. Pequena como era a professora, ela foi crescendo numa raiva que o menino achou que não ia mais suportar, ou que ela ia explodir. Ou os dois.

Beca assistia preocupado, do lado de fora. Pensava: "Sai, Thiaguito, tudo o que não precisamos agora é de suspensão... E só sair. Sai. Sai!"

Thiaguito olhava para Cida.

Cida ia ficando cada vez mais roxa.

Beca, respiração ofegante, gritava em pensamento: "Sai, sua besta humana!! Sai, caramba!!"

- Professora... - chamou uma vizinha lá do fundo.

A classe virou-se:

- Professora - disse o Guizinho. - Antes de a senhora mandar ele embora, eu gostaria de dizer uma coisa pra todo mundo.

Thiaguito empalideceu e Beca grudou no chão, duro igual cadáver.

Cida pensou. Olhou para o chão por um instante, enquanto a classe se entreolhava.

- Venha aqui um minuto - e chamou o moleque num canto.

Guizinho aproximou-se, os dois cochicharam. Thiaguito, ainda em pé - e com cara de ponto de interrogação -, olhou para o Beca lá fora. O expulso da sala levantou os ombros.

Segundos depois a professora, aos poucos, começou a mudar de furiosa para extremamente preocupada. Enquanto os demais alunos formulavam teorias bizarras sobre a montanha-russa que tinha se tornado a aula de Português, Cida conduziu Guizinho e Thiaguito até a porta.

- O que que está rolando? - soltou Thiaguito para Guizinho.

- Eu já contei tudo para a professora - respondeu em tom gravíssimo.

- Tudo o quê???

- O lance das agendas.

Thiaguito não se lembrava de nada quando acordou na enfermaria.

- Está melhor? - perguntou dona Dalva.

- O que aconteceu?

- Você desmaiou.

- Desmaiei?

- Caiu durinho, igual a um tomate.

- Tomate não é duro.

- Tome esse remédio, meu filho.

- Não vou tomar nada.

- Toma, menino!

- Não tomo!

- Toma que vai te fazer muuito bem...

- Toma logo esse trem, cefalópode asmático!

Thiaguito virou-se:

- Beca!!

- Eu mesmo, agora vamos sair daqui - e olhou para dona Dalva: -Valeu!

Os dois desataram a correr que nem condenados.

- Menino! Cuidado com o...

Até a velha tia da pré-escola terminar de falar, os dois amigos já estavam no portão. Assim que cruzaram os limites do colégio, encostaram-se no muro e respiraram para recuperar o fôlego. Assim que Thiaguito conseguiu falar, indagou, sentindo a adrenalina ser liberada no estômago e subir para a garganta:

- Que... que o Guizinho - (respiração) - falou pra professora? - (respiração)
- O figura... pirou de vez - (respiração) - e está na... sala do diretor - (respiração) - explicando tudo.

Seguiu-se aqui uma baciada de impropérios e o muro ganhou algumas marcas de tênis. Beca não sabia se ria, gritava ou chorava.

- E você? (respiração) - O que fez enquanto eu apaguei?

- Eu, obviamente, usei a velha saída estratégica da gazela apavorada - (respiração) - e me mandei. E pretendo ir até o Cazaquistão, se possível, só que preciso de alguém lúcido, que não tenha um nome começado por g.

- Fechado.

Pararam de conversar e olharam a rua. Beca, de repente, acordou para o inevitável:

- Meu! A gente tem de sair daqui!

Bateu o desespero e os dois se contorceram de um lado para o outro igual besouro com inseticida, só que menos gosmento.

- Parem o mundo que eu quero descer!

Beca parou:

- Ô, Thiaguito, essa é boa! Vou copiar.

- É velha também.

- Droga!

E recomeçaram o chilique. Xiiiiiii.

- Thiaguito! Isso está ridículo! A gente está parecendo duas maricotas com a unha quebrada. Vamos usar o que a gente carrega aqui em cima todo o dia.

- A adrenalina enferrujou minha massa cinzenta!

- A minha ainda está legal e nesse momento está dando um alerta vermelho, que trocando em miúdos significa: "Pica a mula, sua lesma caquética!"

- Sim, senhor!

Correram mais um pouco e Thiaguito começou a ficar tonto de novo. A rua foi escurecendo.

- Beca!

A única coisa que ouviu foi: "O remédio no bolso". Pegou a pastilha que a dona Dalva lhe entregou e engoliu a seco mesmo. Não caiu.

Quando o mundo começou a clarear de novo, pôde ver o papel onde ela embrulhara a pastilha e notou algo escrito. Beca aproximou-se:

“Me encontrem na saída em frente à banca de jornal”.

- Burro assim só pode ser o Guizinho.

- É, Beca, acho que a gente tem que correr para o outro lado.

- Calma. Vamos dar um tempo aqui, depois a gente vai. Não quero ficar dando mole lá.

Pelo tempo que ficaram sem fazer nada, calcula-se que se passaram umas três horas até que voltassem à escola e encontrassem o Guizinho esperando ao lado da banca de jornal, escondido atrás de uma Playboy. No tempo real, a aula de Português era a penúltima do período. Gui saiu um pouco mais cedo, pois a conversa com Ademir, o diretor, fora curta, ou o suficiente, como definira o onipotente. Thiaguito ia lembrando aos poucos do que tinha acontecido na aula e sentiu um nervoso subir, que foi subitamente aplacado por uma visão celestial. Ou talvez nem tanto:

- Olha! É a bonitona da novela na capa!

- Cala a boca, seu ogro! - ordenou Beca. - Isso não é hora de ver mulher pelada. A gente tem mais o que fazer.

- Quando é que a coisa ficou assim séria? - questionou-se.

- Quando você teve a idéia energúmena de fazer uma guerrinha de água!

- É..., só que se a anêmona em coma do Gui não tivesse trazido a agenda grudada na barriga balofa, nada disso...

- Parem os dois! - interrompeu Guizinho. - O que rolou, rolou, já era. Agora vamos tentar desenroscar esse angu.

- Vamos o quê?

- Dar jeito nesse troço.

- Ah, muito bonito, seu Guizinho, você que dá com a língua nos dentes e agora vem falar de angu pra gente!

- Beca nem tentou segurar o Thiaguito, pois estava tremendo de raiva também. O primeiro partiu para cima e Guizinho reagiu apenas desviando de um soco mal dado.

- Calma, meu! Eu não sabia o que fazer, eu estava desesperado!

- Eu vou te falar o que é estar desesperado! Aliás, olha para o meu olho e veja o que é estar desesperado. Sabe o que é desespero? É perder a agenda da Juliana para o Sombra!

- Fez-se um silêncio. Beca baixou os olhos, Guizinho levou a mão à cabeça.

- Putz, cara, eu não subia. Foi mal.

Thiaguito sentou-se na sarjeta.

- E agora voar foi contar para a professora de Português...

- Eu não contei a história toda.

- Espera aí - gritou o Beca. - Como assim?

- Tudo o que eu disse pra ela foi que a gente tinha visto uns vultos entrando na classe e mexendo nas coisas das meninas.

A primeira reação do restante da trupe foi de alívio. A segunda...

- Ai! Pára, pára!! Ai, caraca!!! Pára, ô!

Depois de um recado físico passado ao Guizinho, os três sentaram-se encostados na banca. Guizinho falou da conversa com o diretor e de como percebeu o que tinha feito no auge do medo. Heroicamente, imaginou-se numa guerrilha, preso nos porões do inimigo. Apesar de Ademir ter feito um enxame de perguntas, a declaração foi uma só: "Não digo nada nem sob tortura". Diante da reação chegue-varesca do menino, o diretor não teve muito o que decidir. Tascou uma suspensão de dois dias para os três.

Beca começou a pensar alto:

- Bom, galera, temos aqui um palhaço, um trouxa e um cabeçudo. Acho que se juntar os três não dá um neurônio e a gente realmente está precisando de um agora. Alguém tem alguma idéia?

Ouviu-se um suspiro e uma mão coçando a cabeça.

Thiaguito foi quem se manifestou primeiro:

- Deixa eu ver se entendi: O palhaço, o trouxa e o cabeçudo roubaram três agendas de meninas...

- Roubaram, não... emp...

- Cala a boca!

CROC!

- Ai, ai!

- Continuando... O palhaço deixou o trouxa e o cabeçudo molharem uma delas e na tentativa de devolver as ditas para as donas, uma perdeu-se, a outra não foi devolvida e uma delas teve um destino xis até a professora saber que a gente sabe de alguma coisa que não era pra saber e todo mundo sabe, mas ninguém sabe. Sacaram?

- Xis?

- É, Guizinho, xis. Xis é a parte onde você entra. O que que rolou na casa

da Flavinha que te deixou tão desesperado?

- Um cocô.

- Eu sei - irritou-se o Beca. - Tudo está um cocô esses últimos dias!

- Não, é sério! Foi um cocô.

- Cocô? Como assim cocô?

- Eu estava tentando pular o muro da casa da Flavinha quando chegou seu Alberto e me pegou em cima do muro. No bom sentido.

- O pai dela?!?! - gritou Beca, com as mãos na boca.

- Pois é. Mas aí eu dei uma de João Sem Braço e disse que estava apertado e precisava usar o banheiro. “Como minha casa é longe”, falei, “eu toquei aqui não tinha ninguém...” No que eu tava no ninguém, a

Flavinha abre a porta - Guizinho levantou e imitou a menina, com voz afeminada - e diz: “Oi, Pai!”. Aí, danou-se. Olhei para ela, para o pai, saí correndo, entrei no banheiro e me tranquei.

- E o que tem o cocô a ver com isso?

- Tem a ver que passei uma hora lá dentro, com a agenda na mão, sem saber o que fazer.

- E, aí? - insistiu Thiaguito.

- Aí tive uma idéia boba, mas foi a única que tive.

- Novidade...

Gui olhou feio e continuou:

- Larguei um submarino e disse que a privada entupiu, que estava tudo transbordando, que não era pra ninguém entrar. Me ofereci para desentupir e limpar o banheiro. Aí veio aquele negócio de não precisa tal e coisa, até que eu disse que eu não ia embora se não limpasse o banheiro! Ficou estranho, sem dúvida, mas por fim consegui ir até a despensa pra pegar os produtos de limpeza.

- Deus do céu, parece novela! Beca, você não acha que o Guizinho está inventando essa história?

- Pára, deixa eu terminar! É sério!

- Vai, então.

- Bom, no final das contas eu fui à despensa, peguei o material e larguei a agenda dela lá, como se ela tivesse esquecido.

- E?

- E eu tive de limpar todo o banheiro da Flavinha, que tem cabelo pra tudo

quanto é lado.

- Guizinho!

- Que foi, Beca?

Capítulo sete

- Você está desesperado porque devolveu a agenda e só teve de limpar um banheirinho??

Beca já ia rir quando notou um certo pesar no rosto do amigo.

- O que é que foi? A história tem epílogo?

- Tem.

Os três estremeceram.

- Manda - ordenou Thiaguito.

- Quando terminei de limpar tudo, fui guardar o material que peguei e ouvi a Flavinha achando a agenda. Ela, gritou: "Conceição! O que a minha agenda está fazendo aqui?". E a cozinheira respondeu: "Foi o menino que botou aí".

Por mais de meia hora os três permaneceram ali, sentados na beira da calçada, cada um fechado em seus próprios pensamentos. O sinal soou e os alunos começaram a deixar a escola. Beca observava-os saírem pelo portão, preocupados apenas com a lição de casa e uma paixonitezinha qualquer. "E não foi isso a origem de tudo?", pensou. Olhou novamente o portão e viu Carol saindo. Ela estava com brincos novos e olhou para ele, por um segundo a mais, podia dizer. Lembrou-se do beijo e teve vergonha. Virou a cara. Ela foi para casa sem se aproximar. Guizinho permanecia imóvel, lamentando o plano do cocô.

Duas respiradas profundas depois e saiu a Flavinha. Olhou para o Beca e para os meninos. E para o Beca de novo. Então, entrou no carro da mãe e saiu. Flavinha tinha feito uma mecha nos cabelos, mas Beca não percebeu nada de novo.

Thiaguito foi o primeiro a quebrar o silêncio, apontando para o portão:

- Jogo dos Sete Erros! - disse, enigmático.

- Hã?

- Quantos erros vocês conseguem achar na cena que acabou de acontecer?

Guizinho foi quem respondeu primeiro:

- Número um: A Flavinha não veio gritar comigo.

- Bom, muito bom. E o que mais?

Beca arriscou:

- Número dois: E nem parecia brava.

- Certo. Agora valendo quinhentos mil reais.

Beca olhou para Guizinho.

- Dou-lhe uma, dou-lhe duas... Dou-lhe três! - levantou-se. - Fácil, gente!

- A Carol olhou pra mim por causa da agenda! - defendeu-se Beca, num surto de nervosismo auto-acusativo.

- Não era isso que eu ia dizer... O terceiro erro é que a Carol não saiu junto com a Flavinha como elas sempre fazem.

Beca relaxou a musculatura dos ombros.

Guizinho levantou-se:

- Espera aí! O nosso distinto colega acaba de lembrar que não contou pra gente que fim deu pra agenda da Carol.

O menino dos planos mirabolantes sentiu-se acuado e levantou-se também. Engoliu seco e começou o relato, meio gaguejante:

- É que... É que... Ah, eu entrei lá e larguei a agenda. Foi isso.

- Assim? - duvidou o fã da menina.

- Assim.

- E ela? Estava em casa?

- Estava.

- E não viu nada? Não falou com você? Não fez nada?

- Não! Não fez nada, quer dizer, ela nem me viu entrar. Eu tomei cuidado e deixei a coisa no sofá antes de ela me ver.

Thiaguito achou um tanto estranho o relato espremido do amigo, mas tinha outras coisas para pensar, que lhe ocupavam todo o raciocínio disponível.

- Bom, um problema a menos. Parabéns, Beca.

- Valeu, Gui - respondeu sem graça.

- Voltando à vaca fria, é óbvio que a Carol não está falando com a Flavinha.

- Como é que é?

- É isso mesmo que você ouviu, Guizinho - confirmou Thiaguito. - A questão agora é: Por quê? E será que isso tem a ver com as agendas?

Beca evitou olhar para Guizinho.

- E por que a Flavinha não veio estressar com o Gui? - Ela sabe que foi ele.

Os três sentaram novamente. Um segundo neurônio estava fazendo falta.

Capítulo sete

Flavinha entrou no carro muda e a mãe não prestou atenção: colocou um CD do Rav Connift e foi dirigindo o caminho inteiro assim, cantarolando e mais nada. Flavinha abriu a agenda e começou a escrever entre um buraco e outro, fechando o ângulo de bisbilhotice da mãe com o braço.

“Estou achando os meninos distantes. O Beca nem olha mais para mim direito. Antes vinha falar comigo, olhava, agora nem isso. Hoje foi muito estranho. A professora pôs ele (rabisco) o pôs para fora e ia pôr o Thiaguito também quando o Guizinho interrompeu e ia falar alguma coisa muito importante para a classe. Me pergunto o quê?... Mas a professora cochichou alguma coisa com ele, mandou todo mundo para a diretoria. Daí o Thiaguito desmaiou e os três sumiram. Ouvi dizer de um ladrão, de epidemia, de um monte de coisas malucas, sei lá. Só sei que eles estão suspensos por dois dias e ninguém sabe o que rolou. Tentei falar com a Carol mas ela está me ignorando e fiquei muito brava. A Carol é assim: ou superlegal ou supermetida. Por falar nisso, ela tinha perdido a agenda também. Acho que isso é uma boa desculpa para ligar...”

- Alô?

- Alô, dona Neusa?

- Isso...

- Oi, dona Neusa, é a Flávia, tudo bem?

- Oi, querida, tudo bem, e você?

- A Carol está aí?

- Só um momentinho...

Dona Neusa não gostava muito de modernidades. Sua dificuldade englobava desde o microondas até o controle da televisão, passando pelo telefone sem fio. Foi berrar para chamar a patroinha e tampou o ouvido do telefone em vez do bocal.

- Caroliiiiiiina!!

Flavinha sentiu que perdeu um nível na capacidade de audição.

- Oooi!!

- Telefooone!!

- Quem é?

- A Flávia.

Silêncio. Carol fala de novo:

- Faz favor? Diz que eu não estou?

- Tá.

Dona Neusa destampou o ouvido do aparelho:

- Ela não est...

TU TU TU TU...

Flavinha ficou possessa! Juntou toda a sua dignidade e foi tomar um ônibus para falar pessoalmente com aquela vagabunda, mentirosa, metida, loira aguada da Carol.

Campainha.

- Pois não? - perguntou o portão eletrônico.

- Eu quero falar com a Carolina.

- Quem é?

- É a Flávia, dona Neusa. E não adianta dizer que ela não está, porque sei que ela está aí sim.

- Mas ela está aqui, Flávia.

- E, porque a senhora falou que ela não estava no telefone?

O portão abriu-se e dona Neusa se aproximou:

- Porque a patroinha mandou, né? Vamos entrando, vamos entrando...

Flavinha esperou um pouco no sofá e ouviu lá de cima um grito:

- O QUÊ?

Dona Neusa voltou:

- A Carol está usando uma máscara contra cravos e espinhos e não vai poder descer agora.

- Espinhas.

- Hein?

- Cravos e espinhas, a senhora quer dizer.

- Tanto faz.

- E quanto tempo demora pra tirar a máscara?

- Ah, uns dois dias.

- Dois dias???

- É.

Flavinha respirou fundo e aproximou-se da empregada, com olhar perverso:

- Diga-me, dona Neusa - aumentou o tom de voz. - E se eu sair dessa casa e começar a gritar na rua que a Carol tem pêlo no buço e fica espiando o vizinho da frente quando ele está de cueca! - diminuiu novamente. - Será que a máscara sai mais rápido?

Dona Neusa deu uma risadinha e olhou para o andar de cima. Nada se mexeu. Fez um sinal para a Flavinha prosseguir...

- E se eu, ingenuamente, dona Neusa, começar a gritar, pra todo mundo ouvir, que a Carol é loira tingida e toda vez que come pimentão recheado fica com gases?

- Flavinha! Que saudades! Nem te vi hoje na escola!

As duas olharam para a escada: Carol descia afobada, com uma máscara de creme azul, molhada ainda, e rindo forçado.

- Desculpe a demora, acabei de chegar, depois botei essa máscara maldita, aí teve lição, o problema da agenda, eu não tinha mais bala, tive de comer um chiclete, mas faz mal pro estômago, você sabe, né? Daí eu achei melhor...

- Carol.

- UÁÁÁÁÁ!! - dissolveu-se em prantos azuis a menina - Desculpa, Flavinha! Eu estava te evitando, mas não foi por maaaaal!! Não foi mesmo!! - fungada. - Eu, eu...

(Desenho de uma garota descendo a escada e gesticulando para outra que estava perto do sofá.)

- Calma, calma. Senta aqui e me conta o que você aprontou.

Carol enxugou a cara no avental da empregada, que saiu em polvorosa, praguejando contra o cosmético colorido.

- Flá, eu...

- Você o quê?

- Eu...

O coração disparou e, com isso, a mente foi junto. Era perder a amiga ou o novo paquera.

- Eu não sei onde está minha agendaaaaaa!!! UÁÁÁÁÁÁÁÁ!!! Procurei em tudo quanto é cantooooooooo!

O sumiço da agenda realmente preocupava Carol, porém lhe parecia muito mais um esquecimento do que propriamente um roubo. Tinha agora fatos que lhe ocupavam a boca do estômago de um jeito muito mais corroído que a agenda. Provavelmente esquecera embaixo da cama ou caída atrás da máquina de lavar, como ocorrera anteriormente. A pequena preocupação, no entanto, servia de carro de frente para o choro incontrolável que vinha de outras causas.

Flavinha consolava a ex-arquiinimiga, sem descartar uma certa desconfiança:

- Isso eu já sei e a gente vai achar. O que eu vim saber é por que você está me evitando.

Carol tranqüilizou-se com o “a gente vai achar” que a amiga deixou escapar. Criou coragem e começou, olhando para ela:

- É que ontem o Beca veio aqui e...

O rosto de Flavinha transfigurou-se e a conversa foi travada.

- O Beca veio aqui e... E...

- E...

Beca levantou-se:

- A última coisa que a gente deve fazer é ficar que nem mosca morta aqui.

Convoco uma sessão ultra mega turbo Los Três Amigos para o F.M.I.

- Que fim?

- Não, não fim: efe i eme.

Guizinho cochichou com Thiaguito:

- Se ele está fazendo esses trocadilhos estúpidos é porque a situação já melhorou.

Os ouvidos se abriram, animados, e Beca prosseguiu:

- Femme Indomável Mutante.

- Fê o quê?

- Deixa pra lá. Eu não conseguia arrumar um nome pro plano mesmo e depois preciso do tempo pra ação propriamente dita e não para nomenclaturas.

- Pô, o negócio está feio, mesmo... - cochichou de volta Thiaguito.

- Os maiores problemas são: a agenda da Ju e o fato de que a Flavinha sabe.

- E o perigo de a Carol ligar o Gui à agenda que parece em casa molhada, afinal; a Flavinha vai contar pra amiga o caso da agenda dela, se eu bem conheço as duas.

- Ah, mas temos aí a nosso favor o fato de que as duas não estão se falando!

- Pô, é mesmo, cara!

- Então só temos um coisa a fazer: tentar descobrir o quanto a Flavinha sabe da história e reeuperar a agenda da Ju, sem ninguém mais ficar sabendo, além de nós, do diretor e da torcida do Corinthians.

- Puxa, quanta eloqüência - gozou Thiaguito. - Isso aí até o Guizinho sabe. Quero saber como, mané, como!

- Pra recuperar a agenda da Ju é fácil: a gente vai fazer uma aliança com o pessoal do Nilo.

- Ih, mas o Nilo...

- Exato. É amigo da galera da Mancha Verde. E é disso que a gente precisa agora.

- Ave Maria do futebol! Não quero nem ver!

- E a Flavinha? - lembrou Guizinho.

- Com ela eu sei o que fazer, mas vocês vão ter de confiar em mim - retrucou Beca, com olhos profundos.

Thiaguito esgueirou-se pelo canto da quadra, que abrigava o treino de basquete, acompanhado do Guizinho, mas não evitou os olhos aguçados do técnico.

- Ô, menino! Não vem treinar hoje?

- Não dá!

- Ah, é! Eu soube do negócio dos roubos! - gritou o homem do fundo da quadra.

Thiaguito parou, estupefato. Deu a volta e entrou na quadra. Aproximou-se de Jorjão e perguntou baixinho:

- O que que você soube?

- Ué, que vocês viram um vulto de uma mulher pelada na diretoria mexendo nos relatórios dos alunos, não é isso? Para mim foi a Cláudia de Ciências.

Thiaguito rosnou:

- Não! Não é nada disso! A gente só achou que viu alguém mexendo

numas mochilas na nossa sala, mas falamos com o segurança e ele disse que era só o bedel. Assunto encerrado!

Fuzilando Guizinho com o olhar, ele saiu da quadra em passos largos e firmes.

- Maldito telefone-sem-fio! Maldita cidade de interior que é essa escola! Bando de Maria Futriqueira! - resmungou.

Andou por um tempo sem destino específico e foi achar Nilo no purgatório, que era como chamavam a sala dos fundos, antiga quarta série, cujo chão havia cedido. Era um lugar de poucos amigos, abandonado, onde a turma do Nilo se reunia antes de ir andar de skate.

- E aí, beleza?

- Faaala, Thiaguito...

- Eu precisava trocar uma idéia com você, pode ser?

- É nós.

Beca estava sozinho agora e tudo o que necessitava era ser mais rápido que a língua da Carol. "Ferrou!"

Passou em casa, pegou um patinete, a agenda e picou-se para a casa da beijoqueira, com a mochila nas costas. Envergonhava-se de ter mentido, mas os membros restantes da antes feliz organização Los Três Amigos não precisavam de mais problemas. E depois ele nem poderia explicar muito as coisas. Dobrou a esquina derrapando.

- Já sei - declarou Flavinha.

- Já?

- Já.

Carol ficou olhando para a amiga, com os olhos saltando até não poder mais engolir o choro.

- UÁÁÁÁÁÁÁ!!! Desculpa, Flá! Eu não queria... É que ele apareceu, aí conversa vai, conversa veeeem...

- Eu sei. Eu só acho que...

- Eu nunca devia ter feito isso! UÁÁÁÁÁÁÁ!! - soluçava.

- Olha, Carol, não precisa ficar assim, mas vê se...

Ding-dong!

- Ué? - estranhou a soluçante patroinha. - Neusa! Vê quem é! - e fungou.

A empregada voltou antes que ela enxugasse um olho.

- É o Roberto Carlos.

Uma sombra de esquisitice invadiu a sala e Carol permaneceu sentada ao lado da Flavinha. Beca parou de frente para as duas e os três ficaram esperando alguém falar alguma coisa. Até que o garoto abriu a boca:

- Carol...

A loira prendeu a respiração. Beca torceu o nariz:

- O que que é esse bagulho azul na sua cara

- Ai, Beca. É coisa de menina, não se intromete - respondeu Flavinha em nome da amiga.

Carol levantou-se e ficou entre Beca e Flavinha, de costas para a última, tentando avisá-lo, via mímica, de que ela já tinha contado tudo. Mas a traída foi mais rápida.

- Carol, eu não estou muito a fim de ficar aqui, vou indo..

- Espera, Flá, eu...

- Beca, dá pra dar licença?

- Mas...

- Depois a gente se fala - foi andando até a porta. - Ou não.

Carol foi atrás.

Antes de sair, Flavinha deu um beijinho na Carol e confessou:

- Obrigada por ter perguntado pra ele. Eu nunca ia conseguir. Ainda mais pra ouvir que ele não gosta de mim. E não fica assim, não. Você não tem culpa da resposta dele. Vou indo porque se ele não quer ficar comigo, eu não quero que ele seja meu amiguinho. Estou cheia de amigos. Pareço o Gasparzinho!

Assim que a menina deixou a casa, Carol fechou a porta e foi correndo para a sala. Beca brigou:

- Eu não falei que nada daquilo tinha acontecido?!

Ele certamente estava aflito, no entanto não demonstrava estar furioso.

- Eu sei, eu sei. Eu quase contei porque estou me sentindo mal, pôxa, só que a Flá acabou entendendo outra coisa, parece surda - elevou as mãos para o céu. - Graças a Nossa Senhora das Amigas Traidoras Arrependidas.

- O quê?

- Ela entendeu que eu perguntei pra você se você gostava dela e você disse que não.

- Você falou isso?

- Não! Claro que não, burrinho. É que eu comecei a chorar e ela deduziu

essa coisa; nada a ver.

Beca esfregou a testa.

- E agora; - perguntou a menina.

- Agora nada, né? Já falou, já falou. O que que eu vou fazer?

- E que raio você veio fazer aqui?

- Vim perguntar uma coisa.

Carol corou.

- Pergunta... - e sorriu de soslaio.

“Ai, Carol, não é nada disso. O que é que eu faço agora?”, pensou o moleque. Tinha que dar um jeito de devolver a agenda, explicar tudo para a Carol - tudo, não - e descobrir o que a Flá sabia sobre as agendas. Mas os olhos da loira estavam tão azuis que ele não conseguiu raciocinar direito.

- Hã... Acho que esqueci. Espera um pouco.

Ela riu baixinho e ele desviou o olhar, sentindo um calor repentino. “Tentava organizar os pensamentos, porém nada funcionava. Desejou ter acompanhado a mãe naquele curso de meditação transcendental.

- Fala, Beca.

- É que... É que eu tenho uma proposta.

- Estou ouvindo...

- Eu preciso saber uma coisa sobre a Flá e o Guizi... - ia terminar a frase quando o próprio som das palavras o fez perceber a besteira que cometera.

- A FLÁ E O GUIZINIIO?!?!?

- Não, espera aí! Não é assim.

A pequena massa cinzenta da menina entrou em ebulição e ela começou a “entender tudo” de novo.

- Ahá! Por isso que você me beijou, seu safado!

- Eu te beijei?!? Ficou maluca?!?

- E eu achando que...

- Em primeiro lugar você não tinha que achar nada!

- Claro, você só queria fazer ciuminho pra sua queridinha!

- Ai, nada a ver!!

- Já contou pra ela, já?? Conta, vai. Não estou nem aí!

- Devia ter contado mesmo, porque quem beijou alguém aqui foi você! - provocou Beca.

- Ai! Que mentira! Você que me beijou!

- É nada! Foi você!
- Você!
- Você!!
- Você!!!
- VOCÊ!!! - fuzilou Carol.

A discussão não ia ter fim. Gritaram tantos “você” que a palavra já não tinha mais significado. Era meramente um agente irritativo. O moleque ficou tão cansado da pendenga com a menina teimosa que precisava fazê-la parar de falar de algum jeito!

- TÁ BOM! TÁ BOM! Fui eu! - confessou, inesperadamente pegando Carol num beijo outra vez.

Enquanto os lábios permaneciam grudados, Beca questionava-se: “Ô, meu São Benedito! Por que eu faço isso toda hora? Preciso perder essa mania”. O pensamento da garota era bem menos definido. Mesmo com a boca fechada, ela não parava de falar. Falava para si mesma, pensava em tudo, em todos, no que fazer... Abriu o olho no meio do beijo e teve vontade de rir. Depois fechou e achou tudo gostoso demais.

Beca ficou beijando a Carol um tempão, por pura falta do que saber dizer depois. Quando largou a boca dela, quis sumir e não disfarçou uma careta.

- Olha - tentou explicar - sabe o que é?
- Não, não! Não fala nada. a gente não fala nada pra ninguém.
- É! Quer dizer... Eu acho que...
- Tudo bem, tudo bem. A gente namora escondido, eu não me importo.
- Hã?
- Agora vai embora antes que alguém apareça.
- Não! Não é nada disso!
- Depois a gente conversa!

Habilmente ela foi empurrando o garoto para a porta, sem deixá-lo completar uma frase sequer. Quando percebeu o que havia acontecido, o menino já estava no quintal, fitando a porta de madeira fechada.

Coçou a cabeça.

“Acho que o plano do Cazaquistão cai bem.”

Capítulo oito

- Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. E o importante é não misturar as duas coisas. Porque quem coisa as coisas assim é porque não quer coisa com coisa, falado

Nilo costumava ter uma certa semelhança com o resto dos seres pensantes até a primeira série; depois conheceu pessoas, foi a lugares, experimentou mundos. Não era o que se podia chamar de gente decente, entretanto era o que melhor se assemelhava a um Sombra do bem. Justo, sem dúvida. Malandro também. A diferença é que conservava a filosofia “boa gente” de ser, o que lhe garantia um certo status na elite, por assim dizer, B, isto é, a elite dos renegados.

- Tá - respondeu Thiaguito. - Agora, uma coisa de cada vez.

- Ó só, o mano é da lata! - empolgou-se um da gangue ao reconhecer o vocabulário adaptado para o “coisês”.

- Se a gente coisar primeiro, você segura a onda.

Nilo levantou uma sobrancelha, coçou a barriga, chupou o dente.

- Ó, não curto esse lance de tretar assim, sem saber o porquê das coisas.

A discussão avançava coisa adentro e o Guizinho procurava desesperadamente uma tecla SAP. Tentou entender a proposta que estavam analisando pelas expressões, sons e grunhidos. Não funcionou muito bem. Sabia apenas que o líder mostrava preocupação e um certo receio de aceitar, fosse lá o quê.

- E? aí, Nilo? Pode ser ou vai arregar?

Gui ficou impressionadíssimo com a fluência do amigo.

- É que os truta não dão mole, véio. Se o bicho pega, é pra valer, saca? E aí não tem pra você nem pra ele. A coisa vira minha. E aí, malandro, é treta forte.

O único que não estava entendendo uma só cuspida irritou-se:

- VAMOS PARAR COM ESSA COISARADA TODA?!?! QUE COISA!! Eu não estou entendendo picas e tenho o direito de saber em que coisa eu estou me metendo!

Thiaguito puxou Gui pelo braço:

- Deixa eu terminar e te explico!

- Ô, figurante! Tu tá certo. Na vida a gente tem de ter um olho no peixe e outro no gato. Deixa eu falar pra você uma coisa...

- Tá, mas chega dessa coisa de coisa toda hora.

- Beleza. O lance é o seguinte: o teu parceiro aí quer que a gente segure o povo do Sombra enquanto ele luta um mano a mano pra recuperar alguma coisa... Opa! Algum negócio que ele perdeu e não quer botar na roda.

- E depois o burro sou eu, né? Mano a mano? Ficou besta você?

- É a nossa única chance, Gui.

- Preciso lembrar do seu olho roxo?

- Não. E provavelmente vou ter mais um. Mas pelo menos a agenda a gente pega de volta.

- Agenda? - pescou Nilo.

- Ooops!

- É, agenda - confirmou Guizinho, para desespero do membro pensante da dupla. - Agenda da mãe do Thiaguito.

- "Da minha mãe?!?"

- Como é que tu foi perder isso pro Sombra, véio? O que que tá pegando?

- É que a mãe dele esqueceu em casa e mandou ele levar no trabalho dela voando, sabe como é mãe, por isso estava na mochila dele. No caminho, trombou com o Sombra e deu no que deu.

- Ó, vou dizer uma coisa...

- Começou!

- Antes eu nem tava a fim de ajudar, mas botou a mãe no meio, qualquer mãe, eu viro bicho. Tô dentro, maluco - confirmou, chacoalhando a mão do Thiaguito num aperto firme. - Faz o teu que eu faço o meu e tá resolvido.

Guizinho saiu com um sorriso rasgado de felicidade e já estava comemorando. Afinal, ele havia conseguido a conclusão vitoriosa do acordo, mas o garoto enfezado ao lado esbravejou:

- Gui, seu... nem sei mais o quê!

- O que foi?

- Nada, não. - ironizou. - Acabamos de enganar Nilo e fazer dois mundos colidirem por causa de uma mentira e ainda pusemos minha mãe no meio.

- E você queria que eu fizesse o quê? Falasse que a agenda é da Ju?

- Sssshhh!

Os dois pararam. Passos continuaram. Thiaguito olhou para um canto, olhou para o outro, parou, olhou de novo. Estátua.

- Eu ouvi alguma coisa.

- Será que era o Sombra?

- Não sei. Mas por alguma razão ele tem esse apelido, né não?

Trancou-se no quarto.

- Roberto Carlos!

- Fala, mãe.

- Venha cá um minuto.

Não respondeu, nem quis ir. Ficou olhando o pôster da Giselle Bündchen na porta do armário. “Por que as meninas não podem ser assim que nem ela? Quietinhas e imóveis. Só bonitonas presas no armário. Pronto!” Teve vontade de escrever numa agenda e pegou um papel qualquer, porque menino que se preze nem tem essa frescura. Rabiscou um “hoje aconteceu...”.

Rasgou e jogou fora. Achou babaca. Pensou dois segundos e se irritou, pois nada de aproveitável passou pela cabeça. Decidiu colar a agenda da Carol só para ver como é que se fazia. Abriu no último dia escrito.

“Meninos são fogo!!! O Guizinho, que semana passada foi todo meigo, me deu uma caneta de presente, agora diz que não sabe se vai na festa da Gláucia. Disse que o que rolar, rolou. Que raiva! Eu estou há uma semana pensando que roupa eu vou pôr e ele diz que não sabe se vai?”

Beca riu. A caneta nem era do Guizinho. Ele deu para a Carol porque não gostou da cor. Roxo é cor de menininha e a gangue Los Três Amigos tinha tirado tanto sarro que ele resolveu passar adiante o mais rápido possível. Claro que ele tinha dado para ela de propósito, acontece que meninas sempre vêm mais do que há em cada gesto. É óbvio que ele ainda não sabe se vai ou não à festa. É só no outro fim de semana! Continuou:

“Depois que eu fiquei sabendo que a Flavinha gostava do Guizinho antes, fiquei um pouco insegura”.

- A Flavinha gostava do Guizinho?

Beca sentou na cama e foi percorrendo as linhas escritas à mão numa velocidade quase que imprópria para leitura. Procurava algum indício de algum fato que fosse salvá-lo ou deixá-lo mais nervoso. Ou os dois. A curiosidade foi domada pelo impedimento físico. A partir do terceiro parágrafo,

tudo havia sido borrado pela água.

- Roberto Carlos! Venha aqui agora!

O garoto olhou para cima, suspirou e foi se arrastando até a sala.

- O senhor pode me explicar o que é isso aqui?

Beca não precisou nem olhar para o papel na mão da mãe, foi logo dizendo desanimado:

- Uma suspensão.

- E um pedido de reunião com os pais do aluno na diretoria.

- Xiiii.

- Sabe o que é, mami...

- Não, não sei e acho bom você explicar muito bem!

Houve uma ênfase um tanto incomodante no “muito” e o menino bem que tentou explicar:

- É que a gente, digo, eu, digo, nós. Ah, você sabe... A gente queria ler a agenda das meninas e acabou que perdemos todas e tomamos uma surra e suspensão e mentimos e não recuperamos as agendas e fizemos cocô e...

- Olha aqui, Roberto Carlos, essa foi a pior história que já me contou. Já para o quarto e não me saia de lá até amanhã!

“Então por que mandou eu descer? Eu já estava trancadinho lá” - pensou.

Assim que se deitou na cama novamente, o telefone tocou.

- Quem muge - resmungou Beca.

- A vaca da sua...

- Opa! Devagar aí, xará.

Thiaguito riu.

- Como foi lá com o Nilo

- Topou, desde que a briga seja só entre mim e o Sombra.

- Beleza. Quando?

- Amanhã.

- Você está legal?

- Não.

- Não?

- Claro que não. Nunca fui legal! E com a Carol? Como foi?

Beca gelou.

- Alô-ô... Tem alguém em casa?

- Olha, Thi. Eu andei pensando...

- Iiihh, Beca, uma coisa de cada vez.

- Cala a boca, chiclete mutante, e ouve: eu convoco uma reunião de conselho Los Três Amigos aqui em casa, mais precisamente no meu quarto porque não posso sair daqui nem na próxima encarnação. Nem que chova sapo podre.

- Você quer saber de uma coisa?

- Hã.

- Eu estou cheio dessas reuniões em que não se resolve nada. Que tal a gente pegar um filme e deixar o mundo explodir à nossa volta um pouquinho?

- Essa foi a coisa mais acertada que você falou na sua vida. Traz um DVD aí da sua casa que ninguém vai ter autorização para pegar filme fora, mesmo.

- Beca...

- Oi.

- Sua irmã está aí hoje?

- Está.

- De camisolinha? Filho da...

Thiaguito estava indo para a casa do Beca com o filme Matrix na mão. Já sabia todos os diálogos de cor, mas não cansava de assistir aos efeitos especiais e aos chutes no ar em câmera lenta. A mente do menino pulou rapidamente do filme para a Juliana, que tinha cabelos curtos como Trinity. Tivera raiva da garota depois da bagunça toda e começava a não se importar muito com a agenda. A briga no dia seguinte seria mais por causa da Biloca que qualquer coisa. A comparação do Beca fora muito forte.

Havia também um desejo de provar para si mesmo que podia vingar o olho roxo e virar herói, afinal o Sombra já não era um garoto, era uma lenda. Por isso que Juliana gostava dele. E por isso que iria gostar do Thiaguito. Suspirou. O mundo rodopiava, rodopiava e caía numa menina. Que falta de imaginação!

Guizinho chegou primeiro. Veio envolto numa capa preta e a mãe do Beca quase não abriu a porta.

- Guilherme?

- Oi, tia.

- Morreu alguém?

- Ainda não.

Entrou.

- Oi, Solange...

A moça vestia um baby-doll de seda branca, com pequenos barquinhos desenhados. Guizinho abobalhou-se. Uma baba já ia escorrer quando Beca gritou:

- Desgruda da minha irmã ou arranco seus dois olhos fora!

(Desenho de dois rapazes em posição de briga.)

Solange gargalhou, o que deixou Guizinho sem graça. Subiu correndo. Beca abriu a porta e ouviu a mãe dizendo:

- Ai de vocês se isso não for um grupo de estudo!

A casa do Beca era duas ruas abaixo da do Thiaguito, fazendo com que a viagem imaginativa do moleque não fosse muito longe, mesmo porque ela não saía da briga e da Juliana. Da briga por causa da Juliana. Às vezes acha a garota cheirosa, às vezes, fedida; às vezes, inteligente, às vezes, metida. Às vezes tinha estilo, às vezes era esquisita. Às vezes a amava, às vezes a odiava. Foi seguindo nessa gangorra o caminho todo. Todavia, o que o fez focar os sentidos novamente foi a sensação de perseguição.

Já sentira isso antes.

Parou.

Tremeu.

Rezou.

Uma gangue de pelo menos quinze meninos (ou seriam seis?) fechou todas as saídas possíveis pela direita e o alvo humano já pensava nas inscrições da sua lápide.

“Aqui jaz Thiago Amoreira Souza Neto. Um cabeçudo que achou que era esperto e acordou no inferno.”

Sombra deu um passo à frente.

- Era isso aqui que você queria com o Nilo? - indagou, levantando a mochila roubada.

“Pensa, pensa, pensa!”

- Era - respondeu o garoto franzino.

Sombra não esperava uma resposta tão direta. Parado, ficou esperando uma frase vir para continuar a fase de amedrontamento antes da briga

iminente.

- Era - continuou Thiaguito - mas não é mais. Pode ficar pra você.

- Assim?

- É. Eu não vou brigar com você por causa disso.

- Acontece que eu vim aqui pra brigar e não gostei da sua resposta.

“Pensa, desgraçado, pensa!”

Ia responder “Eu também não gostei da sua!”, o que concluiu, obviamente, que era assinar a carta de suicídio. Saiu-se com esta:

- Você pode me bater o quanto quiser pra não ouvir minhas respostas, mas elas vão sempre estar na minha cabeça e você não pode fazer nada. Olé!

- Posso arrancar sua cabeça!

- Hummm...

Uma pancada ia acertar o mesmo olho roxo e o corpo já até sentia a dor. O contato é que acabou não acontecendo. Thiaguito abriu os olhos, que estavam cerrados para esperar o punho, e viu... Juliana!

Juliana socando o Sombra!

“É o Céu!”, pensou o protegido. “Senhoras e Senhores, hoje mudo minha lápide para: Aqui jaz Thiaguito - Cabeçudo sortudo igual ao cão que, apesar de só fazer besteira, se deu bem.” Embora a frase tenha soado um pouco fora da realidade, foi aprovada. Abriu os olhos de novo e sim! Era verdade. A Joana D'Arc estava lá, vitoriosa, fitando o olho roxo do Sombra. Então, como num rojão de lucidez, o pequeno começou a bater em todo mundo. Isto é, teria batido se a mão ossuda não tivesse quase quebrado no primeiro soco que deu.

Sombra e seus projetos de capanga recuaram ante a ferocidade da menina lutadora e foram embora, deixando a mochila para trás. Da esquina, Sombra gritou:

- Sua fedida! Parece tanto com homem que ninguém vai querer te namorar!

- Por isso que você quer!

Thiaguito rolou de rir, não só da última frase, mas da situação toda.

- Ju, que demais! Nós acabamos com aqueles creti...

POW!

Thiaguito caiu nocauteado.

- Isso é pra você nunca mais futricar nas coisas dos outros.

O vencido levantou-se lentamente, com a mão segurando o maxilar.

- Do que que você está falando? Eu não futriquei em nada!

POW!

- E isso é pra nunca mais achar que eu sou burra.

POW! - bateu Thiaguito de volta.

- Isso aqui, Ju, é pra você não achar que só porque é menina pode tudo.

Os dois curtiram as dores enquanto riam. Juliana começou a comentar a briga e contar os detalhes, aumentando tudo, igual pescador. Disse que eram vinte meninos e que socou todos eles. Disse que seguraram seus braços e ela se soltou, aos pontapés. Thiaguito ria e contava a parte dele também. Ressaltando o fato de que aparecera a Mulher-Aranha, do meio do nada, quando ele já estava decidindo as inscrições da lápide.

- E o que estaria escrito?

- Aqui jaz Thiaguito. Um cabeçudo que... Não estou entendendo nada. Desde quando você sabia da agenda?

- Peguei o Sombra lendo as coisas que escrevi sobre ele para a galera inteira e ainda por cima fazendo gozação. Morri de raiva. Aí ele me disse que você tinha roubado.

O apaixonado ficou mal:

- Eu não roubei, só tinha pegado emprestado pra... Pô, desculpa. Foi mal.

- Foi mesmo.

- E por que você me ajudou?

- Que fique bem claro: não ajudei ninguém.

- Ah, não?

- Não. Só queria dar uma lição naquele sombreiro.

- Arriba!

- Mas já que acabei ajudando, quero algo em troca.

- Manda.

- Quero ler a agenda da Carol.

Thiaguito franziu a testa. "A agenda da Carol? Por quê?" Olhou para os olhos dela impacientes, esperando uma resposta. Ficou curioso. Queria saber se ela não tinha guardado rancor a respeito do fato de que ele roubou e leu a agenda dela antes do Sombra.

Achou melhor não cutucar. Respondeu apenas à proposta da esquisitinha:

- Muito tarde. Já foi devolvida.

- Não foi.

- Foi sim.
- Não, está na casa do Beca.
- Não está, ele devolveu, estou falando!
- Quer apostar? - desafiou a louquinha.
- Quero! O que vamos apostar?
- Sua bicicleta.
- E se eu ganhar?
- Te dou a minha.
- Não quero - despejou Thi.
- Não?
- Não.
- O que você quer, então?
- Você vai ter de andar de vestido de boneca, bem frufu, durante um dia inteiro na escola.

Juliana analisou a relação de valores entre a bicicleta e parecer uma porcelana um dia inteiro. Torceu o brinco do terceiro furo, no topo da orelha, porque ajudava a pensar.

- Nesse caso, não quero mais sua bicicleta. Quero que você ande de cueca durante o mesmo período.
- Ahá... Você está louquinha pra ver minha cueca...
- Eca! Então, não! Vai ter que andar vestido de mulher!
- Fechado!

Guizinho pegou no sono e Beca começou a ver novela quando a campainha tocou novamente. Desligou a televisão, abriu os cadernos, pegou um lápis para fingir que estavam estudando, caso a mãe estivesse junto, e acordou o preguiça. Abriu a porta do quarto xingando:

- Que lerdeza, hein? Uma lesma manca vinha mais rápido.
 - Lerda é sua vó - respondeu uma voz de menina.
- Beca, olhando para a porta, falou para Guizinho:
- Na boa. Acho que o Thi passou embaixo de um arco-íris.
 - Por quê?
 - Porque virou mulherzinha.
 - Juliana!

Os olhos voltaram-se para Thiaguito em pontos de interrogação

envenenados. Sentindo a hostilidade, a menina levantou seu passaporte de entrada: a própria agenda. Os dois membros restantes do conselho ajoelharam-se diante do tesouro recuperado.

- Aleluia, irmãos!

- Aleluia!

Thiaguito adentrou orgulhoso com a Mulher-Aranha e contemplou o semblante apavorado dos colegas. Lembrou-se do punho da garota e deu razão.

A primeira coisa que se lembrou de dizer foi:

- Beca, diz pra Ju como você devolveu a agenda da Carol.

Beca levantou-se, ainda trêmulo, mas decidido:

- É por causa disso que eu chamei todo mundo aqui.

Juliana sorriu.

- Ah, não! - adivinhou o perdedor da aposta.

Capítulo nove

A embalagem falava em trinta minutos, tempo que não se tem disponível quando a irmã resolve que vai ler tarô depois da janta. Flavinha tinha acabado de colocar o produto nos pêlos da perna e já sentia uma comichão subindo. Passou nos braços também e na barriga, contando no relógio. Dali a quinze minutos entrava no banho e pronto.

Instruções são papéis para jogar fora por definição, ou para anotar telefones e depois jogar fora. Nesse caso, a tradição cumpriu-se e a menina não sabia que deveria ter feito um teste numa pequena área da pele, antes. A coceira veio furiosa e ela começou a se abanar, depois pular. Olhou no relógio saltitando pelada no banheiro: trinta segundos. Respirou e continuou pulando. Mais trinta segundos. A coceira foi piorando, ficando insuportável, momento em que ela começou a se coçar: um minuto e dez segundos. Coçando-se inteira, freneticamente, percebeu que duas mãos não eram suficientes. Esfregava um braço no outro e os dois na barriga. Louca de formigamento, abriu o chuveiro em fogo, ligando água gelada mesmo. Um minuto e quinze segundos.

Tirou toda mistura de água oxigenada com pó azul, descobrindo que a coceira não ia junto ralo abaixo. Permaneceu na água pelo menos meia hora, o que despertou certa preocupação na mãe.

- Sai do chuveiro, Flávia! Quem paga a conta sou eu!

Cinqüenta minutos depois saiu, empipocada, com os músculos se contraindo involuntariamente para conter a comichão sem a ajuda das mãos.

- Catapora! - gritou Mari.

- Sarampo! - gritou a mãe.

Flavinha fez uma careta.

- Rubéola?

- Não. Foi a água oxigenada.

- Ai, Flá, você pegou meu clareador de pêlos?

- Ah, não me enche.

A campainha tocou.

- Flávia, é a Carol.

- Fala pra ela entrar que eu já vou.

A loira sentou-se no sofá e pôs-se a assistir à novela.

- Já jantou?

- Já, tia, obrigada. Cadê a Flá?

- Está descendo. Ela teve um probleminha... - riu.

Na hora do intervalo, a amiga desceu, com uma cor esquisita no rosto. Meio bege, meio branca. Pastosa. Uma blusa de manga comprida a fazia suar. Carol fez um exame de raios-X visualmente e concluiu:

- Você está com base na cara. O que houve?

Flavinha começou um chorinho baixo, soluçado, que cresceu para um soluço alto e intermitente. O choro dela era muito engraçado. Carol conteve a risada.

- O que foi??

- Estou (soluço) toda (soluço) empi (soluço) pocadaa(soluço)aaaaaa!!!
(soluço)

- Por quê?

- Esta (soluço) porca(soluço)ria de clare(soluço)ador de p(soluço)pêlos!

- Ah...

Carol estava no início do consolo à amiga quando Mari revelou:

- Hoje vou ler tarô para você. Estou sentindo vibrações no ar...

A loira largou tudo e foi sentar-se à mesa de jantar, enquanto a falsa cigana pegava o baralho e acendia um incenso fedido. Flavinha sentiu-se rejeitada e vingou-se:

- Minha irmã tinha prometido ler primeiro pra mim.

- Está certa, mana. Senta aí.

A mais velha entregou as cartas à mais nova, que embaralhou e cortou com certa prática. Tirou cinco cartas e posicionou-as, virando-as com o desenho para cima.

Mari cruzou os dedos e apoiou a cabeça em cima das mãos, esticando os cotovelos na mesa, pensativa.

- Fala!

- Fala você primeiro. O que você quer saber?

- Bom, o Beca disse pra Carol que não gosta de mim e eu queria saber se...

- Mentiu.

- Hã?

- Mentiu. Ele gosta de você, sim, mas eu vejo uma mulher aqui perto dele.

Está vendo esta carta?

- A rainha de copas?

- Justamente. Uma mulher.

Carol estremeceu.

- Ele gosta dela? - temeu Flavinha.

Mari olhou para Carol:

- Não. Ficou um pouco interessado, ela é muito insistente, mas só. Agora está se sentindo culpado.

Carol baixou os olhos e teve vontade de chorar.

- Ele ficou com ela?

- Não sei, Flá.

- E agora?

- Agora você pára de ser orgulhosa e vai atrás desse menino, senão você vai perder para outra.

Mari já tinha juntado o baralho de novo, quando completou:

- E cuidado com as traições.

Ajeitou as cartas e entregou à Carol:

- Você, agora.

A menina percebeu um medo percorrendo a espinha e resolveu disfarçar.

- Ah, eu não tenho nada pra perguntar, não. É sempre a mesma lengalenga com o Guizinho...

Flavinha achou esquisito.

- E sobre outras coisas? Não quer saber nada? Vocês só pensam em meninos!

- E vamos pensar no quê? Na cotação da bolsa

- Espera, Flá, a Mari tem razão. Eu tenho outra coisa pra perguntar. Tem como você saber que fim levou minha agenda?

- Sua agenda?

- É, ela sumiu faz dias. Estou com medo de que alguém tenha roubado.

- Será que estão fazendo trabalho contra você?

- Ai, Mari! Que horror!

- Macumba, minha filha, fique esperta.

Se a vida fosse um filme de terror, elas teriam escutado uma risada bruxuleante. Voltaram ao tarô.

- Deixa eu ver... É, realmente, tem ainda aquela configuração da última vez. Alguém te espionando. Só pode ser através da agenda.

- Ai, meu Deus! Quem é? Quem é?

- Um homem.

Foi o que bastou para a menina cair da cadeira. Flavinha continuava se coçando cada vez mais, de nervoso. Seus segredos também estavam ali. Com certeza a amiga escrevia sobre ela. Como se estivesse morrendo, foram passando todos os flashes importantes de sua vida para calcular o estrago do acontecimento, até que passou um flash mais importante que o resto. Flavinha achando a própria agenda e Conceição, a cozinheira, falando na despensa: “Foi o menino que botou aí”.

Um grito explodiu no ar e até a mãe veio ver o que se passava.

- CAROL, CAROL, CAROL!!! - gritava, branca, Flavinha.

- O QUÊ?!?! - perguntava, apavorada, a loira.

- FORAM OS MENINOS!!

- O BECA E O GUIZINHO!!!!

- COMO VOCÊ SABE?!?!?!

Flavinha contou toda a história tentando não engasgar e tentando manter a fala numa velocidade inteligível. Até Mari ficou nervosa com a revelação. Vai que a garota colocou alguma coisa sobre ela lá?!

A mãe precisou trazer água com açúcar para as duas e Mari ofereceu-se para levá-las até a casa do Beca. O assunto era muito grave para se tratar por telefone.

- Beca, sua geleca de piche!!! Como você pôde fazer isso comigo!!! - gritou Thiaguito.

- Com você?!? Com a Carol e com o Guizinho, porque a agenda é da garota dele! Você não tem nada a ver com isso, múmia peidorrenta!

Juliana começou uma gargalhada estridente que fez o quarto silenciar. Recuperou o fôlego e soltou:

- Quer batom emprestado; Thiaguita? Hahahahahahaha!!!!

Os meninos ficaram com cara de “hein?!?”, obrigando o skatista a revelar os acontecimentos até a chegada dele ao quartel Los Três Amigos, passando pelo encontro com o Sombra, o soco da Mulher-Aranha e a maldita da aposta.

- E agora, por causa do imbecil do Beca, eu vou ter de passar o dia inteiro vestido de mulher.

A gargalhada foi geral... Até que um travesseiro voou na cabeça do mentiroso. A partir daí, foi espuma para todos os ângulos possíveis e Juliana entrou na guerrilha.

A mãe de Roberto Carlos assistia à novela com o marido sem prestar muita atenção a ruídos externos. Ouviu apenas um celular tocando: era o da filha.

- Solaaange!

- Ooooi!

- Celulaaar!

A moça veio correndo da cozinha com uma colher na boca.

- Alô!

- Sô?

- Eu.

- Oi, é a Mari!

- Fala, Marilda! Tudo bem com você, querida?

- Comigo tudo, mas precisamos de sua ajuda.

- Quem?

- Eu, a Flá e a Carolzinha.

- Tudo bem... O que que rola?

- O Beca está aí?

- Está. Espera aí que eu vou chamar.

- Não! Não. Só diz para mim se tem mais alguém com ele.

- Tem o Gui, o Thiaguito e...

- Jóia! - Mari virou para as meninas: - Estão todos lá.

- E uma menina.

- Oi?

- Uma menina!

- Que menina?

- Sei lá. Uma metida a punk.

- Tá. Não importa. Estamos indo para aí.

- O que aconteceu?!?

- Chegando aí eu te conto. Beijinho.

- Outro.

Desligaram.

Solange ficou tentando imaginar o que poderia ter acontecido. Primeiro pensou que a causa da agitação fosse a tal da menina nova. Pensando novamente... Não poderia ser, porque elas nem sabiam que a esquisita estava no quarto dos meninos. Além disso, Mariana não iria pegar o carro só para alimentar ciúme da irmã menor. Resolveu xeretar o irmão. Aproximou-se do quarto e pôs o ouvido na porta: risadas, barulhos, zunidos. Bateu firme: TOC, TOC, TOC.

Do lado de dentro, os travesseiros pararam no ar.

- Minha mãe!

Foi um tal de enfiar travesseiro e espuma no armário, ajeitar cabelo, abrir caderno, procurar lápis, trombar um no outro...

- BAM, BAM, BAM!

- Já vai, mãe, só um minuto!

Cinco minutos depois, a porta abriu-se.

- Solange?

- O que vocês estão aprontando aí, Beca?

- Não é da sua conta.

- Era pra você estar estudando.

- A gente estava.

- Hã-hã.

- A gente estava estudando o vento: ar em movimento. É um experimento para a aula de Ciências.

A irmã entrou no quarto e foi passeando lentamente, observando detalhes criminosos na decoração. Uma espuminha, fios de cabelo, lápis em baixo do colchão, abajur caído.

- Eu suponho que a matéria incluía furacões.

- Inlui - confirmou Thiaguito, cutucando Guizinho.

- Inlui, inclui.

- Sei.

Andou mais um pouco, olhou nos olhos de cada um: eram imóveis, mas espelhavam segredos. Olhou num caderno e viu que estava aberto na aula de Português - verbos, o outro exibia exercícios de Matemática.

- Estranho, não vejo nada sobre vento aqui - provocou. - Vejo verbos, números, Inglês.

- É um trabalho intradisciplinar. Não tem disso na faculdade, não? - Beca tinha resposta para tudo.

- Interdisciplinar.

- Você entendeu.

Então, a moça avistou Juliana encostada na parede ao lado da porta. Vestia uma bermuda larga e rasgada que contrastava com a blusa justa.

- E você? Veio estudar também?

- Não posso?

- Pode, claro, desde que me diga seu nome.

- Trinity.

- Trinity?

- O que você ouviu.

Thiaguito fez uma careta. Guizinho cochichou:

- Essa sua mina é muito engraçada!

Solange sacudiu a cabeça em tom de aprovação.

- Ok, vou engolir Trinity, por enquanto. - Virou-se para Beca:

- Quero meu travesseiro inteiro na minha cama em dois minutos, entendido?

- Sim, senhor.

A moça nem se ofendeu. Saiu fechando a porta com delicadeza e Guizinho logo se ofereceu:

- Posso ir levar o travesseiro??

Beca jogou o travesseiro com força no estômago do amigo.

- Vai logo!

O menino, ao invés de brigar, saiu com um sorriso bobo, levitando até o quarto da bela, porém chata, Solange. Porém bonita. Porém enxerida. Porém irmã mais velha. Porém linda. E pronto.

Thiaguito esgueirou-se até a parede onde Juliana permanecia encostada.

- Trinity?

- Juliana é tão sem-graça...

- Mas por que Trinity?

- Por causa do filme que você trouxe. Foi a primeira coisa que me veio à cabeça, ué.

Thiaguito derreteu-se. Só podia ser o destino... A garota escolhera o mesmo nome que ele havia lhe dado, minutos atrás. Era um sinal. Com certeza

absoluta, era um sinal. Um sinal que ela havia passado para ele. Para ele. Para mais ninguém. A paixão reaflorou em seu coração e pensou que se havia um Deus no mundo, Ele estava sorrindo agora.

Juliana sentia-se idiota. “Trinity! Que estúpida! Tanto nome no mundo... Esses meninos vão achar que eu sou a menina mais babaca do universo.” Começou a sentir-se incomodada. “Esse moleque bem que podia me mostrar a agenda logo e me deixar ir embora. Não agüento mais ficar aqui.”

Assim que Guizinho voltou, Beca começou o que seria a reunião Los Três Amigos, que estava agora maculada pela presença grunge-punk-pós-moderna da Juliana. Pediu silêncio, vestiu a capa que o Guizinho tinha trazido, mandou todos se sentarem na cama, apagou a luz e abriu a janela. Tudo o que se ouvia no quarto era o zunido do vento, que nunca havia sido estudado.

Dirigiu-se ao criado-mudo e tirou a perna do Thiaguito - que atrapalhava a abertura da gaveta - com um pontapé.

- Ai! Mer...cado da China!

Bagunçou uns papéis até encontrar um cilindro preto. Quando ligou, descobriu-se que era uma lanterna. Segurou-a iluminando o queixo, debaixo para cima, assumindo uma personalidade fantasmagórica. Em meio ao silêncio mortal, gritou:

- CARÍSSIMOS!!

- Xiiii...

Juliana segurou a risada. Thiaguito explicou cochichando:

- É o mestre Cê Érre.

- Quê?

- SILÊNCIO! - ordenou Beca.

- Quê? - cochichou Juliana.

- Carlos Roberto, a segunda personalidade do Beca. Que nem o médico e o monstro, sabe?

“E eu com medo que eles me achessem babaca...” - pensou a garota.

Beca, transmutado em CR, prosseguiu:

- Irmãos, estamos aqui para mais um jogo da verdade. Eu começo.

Juliana estremeceu.

Antes de pronunciar qualquer fato do relato, pediu que Thiaguito trocasse de lugar com Juliana, no que o menino obedeceu prontamente.

- Naquela tarde fatídica em que fui à casa da Carol... Ah! Espera aí - Beca

desmanchou a personagem, relaxando a postura: - Thi, explica para o seu anexo como as coisas funcionam aqui.

- Ju, o que é falado aqui sai por aqui - explicou, eloqüentemente, apontando o ouvido por último - e não por aqui - finalizou, apontando a boca. - Falou?

- Falou, cara.

CR ajeitou novamente a lanterna no queixo e discursou:

- Então, naquele dia eu fui na casa da Carol simplesmente largar a agenda e sair correndo. Acontece que antes que eu pudesse pular o muro, a menina abre o portão na minha fuça. Aí, não tive escolha... Disse que queria falar com ela. Entrei, sentei e comecei a gaguejar, porque não vinha uma só desculpa na minha cabeça.

Guizinho mexeu-se na cama e começou a tamborilar os dedos, ouvindo atento. Beca suou frio.

- Daí, fiquei lá olhando para ela, sem saber o que falar. Perguntei se tinha mais alguém em casa para não criar problema com os pais dela, mas a Carol, sabe como ela é, né?!

Guizinho não respondeu.

- Ela começou a entender outra coisa nada a ver e eu não sabia! Aí, fiquei um tempo sem falar nada tentando pensar numa saída de emergência e daí... Daí...

- Daí? - impacientou-se Thiaguito.

- Daí, ela me deu um beijo.

A chuva de verão veio de repente e atrapalhava a visão de Mari.

- Ai, não estou vendo nada!

Seu carro não tinha ar-condicionado e ela ordenou à Flavinha que pegasse a flanela no porta-luvas. Enquanto a última limpava o vidro para que a irmã pudesse enxergar, o celular tocou. Era Solange.

- Oi, Mari! Só para dizer que os três ainda vão ficar aqui um tempo e a menina que está com eles é uma esquisitinha, de cabelo curto, que disse que chamava Trinity.

- Meninas, é a Solange. Ela disse que a menina tem cabelo curto e falou que se chama Trinity.

- Cabelo curto?

- Só pode ser a Juliana. Ainda mais se falou que se chama Trinity. -

concluiu Carol. - O que está fazendo lá? Será que foi ela que roubou as agendas?

As três colocaram as engrenagens do sótão para rodar.

- Não, meu tarô disse que era um homem.

Flavinha não quis dizer que não confiava no baralho tanto assim, por isso usou de um pouco de tato ao responder:

- Pode ser que ela só tenha roubado a agenda e está na casa para negociar.

Um tipo de leilão, sei lá.

- Ai, será que vão pedir resgate?

- Carol...

- Ai...

- A hora que eles souberem que a gente sabe, vão querer lambar nossos pés.

- Que nojo! Não quero lambida, quero minha agenda. Aliás, nem sei se quero mais. A essas alturas, eles já devem estar lendo tuuudoooo!!
UÁÁÁÁÁÁÁ!!!!

- Calma, meninas, calma!

- Eu, se fosse você, metia o pé no acelerador, Mari, porque eu escrevi no dia dois de maio que você era apaixonada pelo irmão do Felipe.

- Não acredito que você fez isso!!!

- Como é que eu ia saber?

“Pirralha, intrometida, linguaruda.”

Nervosa, engatou a quinta e saiu cantando pneu. Aquela agenda ia explodir antes que alguém tivesse chance de ler.

Thiaguito deu um salto e agarrou Guizinho antes que ele pudesse cravar os dentes na jugular do mestre CR. Os dois rolaram no chão, um tentando segurar o outro; um tentando bater no outro. Beca desfez-se da capa e da lanterna, pulando para cima do problema, igual futebol americano. Juliana empolgou-se com a briga e quis dar outro soco, como o que dera à tarde. Acabou acertando a cadeira da escrivania.

- AAAAIIIIII!!!

Sacudiu a mão o tempo de passar o pior da dor e depois se jogou no chão, achando tudo um barato até levar o primeiro soco e apagar.

Uma ponta do lençol entrou na briga e parecia que todos os objetos do quarto estavam decididos a ajudar o dono, ou vingar-se dele, pois voavam pelo quarto entrando na baderna, e a chuva de xingamentos ficou abafada na bola-

de-neve criada pelo lençol.

TOC! TOC! TOC!

- Roberto! O que está havendo?

- Mmmm!! - respondeu a bola de gente mais tecido.

- Roberto!

- MMMMM!!!

BAM! BAM! BAM!

- Roberto Carlos, se você não abrir essa porta agora, eu vou pegar a chave reserva! Ai de você se eu tiver de pegar!

O nó de braços e lençol era tanto que não se conseguia achar a saída. Juliana acordou com as batidas e viu um casulo de meninos no chão. Os gritos da mãe cessaram por milésimos de segundos, o que era um mau sinal: a chave reserva. Tentou livrá-los do rolo de macarrão, contudo a situação estava mais para pipa na árvore do que outra coisa: quanto mais mexia, mais enroscava. A afobação foi crescendo e ela tentava procurar alguma ponta da coberta que iniciasse o desenrolar, enquanto a mãe, com fôlego renovado, esmurrava a porta, furiosa:

- Vou contar até três!

A menina desesperou-se e resolveu pular a janela.

- Um!

Ao abrir a veneziana, viu um carro chegando. As portas cuspiram três vultos que, olhando com mais aprumo, podiam ser identificados como Flavinha, uma moça que ela não sabia quem era e... Carol.

- Dois!

Fechou a veneziana.

Levou as mãos à cabeça.

Depois à boca.

Depois pensou em entrar no armário.

Ou embaixo da cama.

Ou grudar no teto.

Ou...

- Três!

A mãe colocou a chave na fechadura, girou e... Nada. Girou para o outro lado: nada. Forçou para dentro e algo a impedia de entrar. Juliana empurrara a escrivaninha para a porta.

Rapidamente, a garota clareou as idéias e, olhando aliviada para a mesa, notou uma tesoura. “Beca acaba de perder seu enxoval.” Com pressa, foi picotando o lençol de qualquer jeito e, um por um, Los Três Amigos iam saindo. As cabeças fervendo...

- Sssshhh! - ordenou a libertadora dos garotos oprimidos e, em seguida, disse baixinho:

- Eu sei que vocês estão loucos para se matar, mas a Carol acaba de chegar de carro aqui e, pela cara, a vontade dela de esganar é infinitamente maior do que a de qualquer um dos três.

- A Carol?!?! Aqui?!?!

- Sssshhh!!!

- Pô, mas ninguém mais respeita a santidade de um Q.G. de meninos?

- A começar pelo alce babão do Thiaguito, que trouxe uma menina pra cá.

- Uma menina que salvou o seu, anêmona dentuça! - retrucou o alce.

- Parem de discutir um minuto e me ouçam! - pediu a fêmea.

- Oi, Solange - espirrou a motorista respirando acelerado.

- Oi, Mari! O que aconteceu?

As três foram entrando esbaforidas. A mais velha largou a bolsa no sofá e colocou os braços na cintura:

- Aconteceu que seu maninho roubou a agenda da Carol, que tem muitas coisas escritas sobre nós todas e eu não achei nada engraçado.

- Como é que é?

- É isso mesmo! E eu quero pegar esse moleque pelas orelhas e fazer ele engolir o próprio cotovelo!

Solange achou a história absurda, no entanto sabia que o irmão estava agindo estranhamente. Ela própria mal via essa tal de Carol, agora, sabe-se lá o que a menina escreveu na agenda? E se tivesse algo sobre “a irmã” do Beca? Decidiu fritar o irmão em fogo alto. Com bastante óleo. E uma pimentinha.

- Sirva-se!

(Desenho de uma moça sentada numa escrivaninha atrás de uma porta e três rapazes de pé meio agitados.)

Quando Solange levou a amiga até o quarto, ou até a porta do quarto, trombou com a mãe vermelha, de cabelos em pé, sacudindo a maçaneta.

BAM! BAM! BAM!

- Roberto Carlos!! Eu estou nervosa! Abra esta porta agora!

Olharam para Ju.

- Ficando aqui vocês não têm chance de se explicar, estão todas enlouquecidas. Nossa única chance é pular a janela!

- Nossa - perguntou Guizinho - o que você tem a ver com isso? Aliás, por que você está aqui?

BAM! BAM! BAM!

- Beca! Eu estou mandando você abrir esta bomba! - gritou Carol.

Juliana avançou para cima do Guizinho, levantando os calcanhares até ficar da mesma altura e o nariz quase colar no dele.

- Em primeiro lugar, eu estou tentando ajudar. Em segundo, eu que livreí vocês desse lençol patético e segurei a tiazona com as três patricinhas lá fora. Em terceiro lugar, eu ganhei uma aposta e, se vocês ficarem me enchendo o saco, eu abro a porta agora que o problema não é meu mesmo.

Guizinho ficou um guizizinho, do tamanho de uma pulga.

BAM! BAM!

- Devolve minha agenda, desgraçado! Eu sei que você está aí!

Luzes começaram a se acender na vizinhança, com o barulho, e pessoas curiosas olhavam pelas janelas.

- Eu só quero saber uma coisa - Beca segurou o braço da menina: - Por que você quer ler a agenda da Carol?

A mãe conseguia lentamente empurrar a escrivaninha. Uma fresta foi se abrindo.

Beca esperava a resposta impassível.

Juliana enfrentou-o com o olhar.

A escrivaninha ia escorregando.

Thiaguito e Guizinho estavam duros.

A fresta crescia.

- BECA! ABRE ESTA PORCARIA OU NUNCA MAIS FALO COM VOCÊ!

Juliana respirou fundo:

- Porque eu quero ser patricinha.

A escrivaninha cedeu e a porta abriu de uma vez. A mãe perdeu o equilíbrio e caiu no chão. As quatro restantes entraram pulando a senhora.

Tudo o que encontraram foi um lençol rasgado e a janela aberta.

Solange nunca vira sua mãe daquele jeito. Carol ficou da cor da máscara, azulzinha, azulzinha.

Capítulo dez

Seu Glicério tinha uma barriga anatomicamente desenhada para encaixar o controle remoto da televisão. A protuberância estomacal garantia que ficasse na altura exata da mão em braço dobrado quando ele se esticava no sofá apoiando os pés na mesinha da cabeceira. Assim, tudo o que ele tinha de fazer era mexer um dedo para mudar de canal. Se não dormisse antes, claro. A solidão repentina na sala de estar o fazia deduzir que a mulher estava a brigar com os filhos, o que, imediatamente, lhe renderia alguns minutos de futebol ininterruptos. Ela que o perdoasse, mas novela é que nem política: enrola, enrola, enrola e no fim todo mundo se dá bem. Eta falta de realidade!

O pai pulava de um canal para outro, sem prestar muita atenção aos ruídos vindos do corredor. Achou um clássico: Santos e Ponte Preta. Aumentou o volume.

Alguns ruídos vinham do fundo, um pouco menores que o normal - nada digno de atenção, no entanto. Em seguida, vieram batidas na porta. Primeiro leves, depois fortes. Aumentou o volume.

Lá para o segundo tempo, tocou a campainha. Nem se mexeu na cadeira. Mulheres passaram, numa TPM permanente, ele coçou a barriga. Santos fez um a zero. Gritos da torcida misturaram-se com agudos histéricos e as mesmas batidas na porta. Respirou fundo e comeu uma batatinha. Batidas mais fortes fizeram a imagem da televisão tremer e o chefe da casa olhou para o teto torcendo o bigode. “Olha a antena, Mariela...”

O lance decisivo foi aos vinte e cinco do segundo. O goleiro da Ponte sai da área para fazer uma defesa e erra!! Seu Glicério fecha os olhos instintivamente e fica ouvindo a narração: “Ele entra na pequena área, a marcação é homem a homem, faz a finta na cara do gole...” BAM! Mudo.

A antena.

Seu Glicério passa a mão no rosto, no bigode, levanta as sobrancelhas e resolve levantar-se. O apocalipse aproxima-se.

A mãe do Beca levanta-se com dificuldade despejando um vocabulário cortês sobre o marido “que não sai da porcaria da poltrona nem para...”, ou seja, lamentando o fato de ter casado com um operador de controle remoto. As quatro meninas caminham lentamente pelo quarto, catando seus próprios queixos e procurando parecer mulheres equilibradas, como pede a vida moderna.

- Que raiva! Que raiva! Que raiva! - rosna a mulher equilibrada número um, batendo o pé no chão três vezes.

A número dois joga um joystick no chão e a número três morde a sola do tênis jogado no chão. Viva o feminismo!

Em meio ao ataque chiliquento, a mãe leva o indicador à frente da boca e pede silêncio. Tudo está quieto, até o futebol da sala.

No escuro, conversam vozes em volume negativo:

- Eu falei que a gente tinha de ter pulado a janela!

- Beca! Tira esse chulé do meu olho!

- O Gzinh é qu tm qu tirar o brafo da mnha bca.

- Hein?

TUM!

- Falei pra você tirar o braço da minha boca!

- Quem mandou ter um beijo desse tamanho!

- Sssshhh! - Juliana tenta pôr ordem no armário.

- O que que está vazando.

- O Kiko está casando?!?

- Não, sua mola careca, perguntei o quê...

- Quem fez bola de moqueca?

- Ô, SEU SURDO! PERGUNTEI QUEM...

CLIC!

(Desenho dos quatro, a moça e os três rapazes sentados dentro de um armário.)

A porta do armário abre-se para revelar uma muralha de Flavinha, Carol, Mariana, Solange e Tia-Mãe nadinha amigáveis.

- Rapaz!

Aqui poderia ter sido narrada a maior surra do século. Moçoilas casadoiras, todavia, não sujam as mãos com mocinhos indiscretos. Utilizam-se de técnicas avançadas de tortura que envolvem muita gritaria, frases de efeito...

- Beca, eu te odeio! Nunca mais vou falar com você! Nunca mais vou olhar pra você! Nunca mais te empresto minha lição pra você copiar!!

E, é claro, muito choro:

- UÁÁÁÁÁ!!! Como você pode fazer isso com a gente, Beca! - soluçava Flavinha.

- Calma lá, não foi só ele! - ajudou Thiaguito.

“UÁÁÁÁÁ” duplo.

- Thiaguito, fecha a matraca que daqui a gente só sai pra ir pra fogueira. Com um pouco de sorte elas quebram nossos pescoços antes e aí a gente não queima vivo - explicou Guizinho.

A guerra das agendas prometia perdurar por cem longos anos, não fosse o súbito aparecimento do Abominável Homem das Neves Bigodudo.

- Pai?

Uma voz cavernosa e irritada estremeceu o quarto:

- Posso saber qual o motivo da bomba atômica?

Silêncio.

- Você aí, menino!

- E-eu? - assustou-se Guizinho.

- É. O que você aprontou?

- Eu?!?! Nada!! Eu não fiz nada!

- É mentira! Ele pegou minha agenda! - gritou Flavinha, com um coro de mulheres como suporte.

- Então, devolva - resumiu o pai.

- Já devolvi! - lançou Guizinho.

- Pronto. Uma questão a menos.

Seu Glicério virou-se para Thiaguito:

- Eu também já devolvi! - antecipou-se o menino.

- Roberto Carlos!

O bumbum já sentiu a cinta...

- Que massa desandou?

- Peguei a agenda da Carol para ler sem ela saber e molhamos sem querer.

A dona da dita sentiu o chão faltar e a garganta arder. O choro aquecia-se

no estômago. Seu Glicério virou para ela:

- Engole esse choro!

Carol engoliu de susto.

- E você! - gritou firme com o filho. - Tem dois segundos para entregar a agenda para a menina.

Enquanto o pai pronunciava a palavra segundos, Beca já havia mergulhado no chão alcançando a agenda que guardara embaixo da cama.

- Um, dois. Tempo encerrado!

O segundo mergulho foi para alcançar os pés da Carol. Levou três palmadas pela idéia estúpida de roubar coisas dos outros, duas por ser estúpido a ponto de estragá-las e mais uma por ter demorado quatro segundos para devolver.

- Ai meus fundilhos!

Seu Glicério aproximou-se dos demais meninos ainda com pose de general.

- Não posso aplicar-lhes umas palmadas porque não são meus filhos, mas aqui na minha casa vão ajoelhar aos pés das meninas e pedir desculpas. Você também pode ter essa honra - completou, cutucando Beca.

Os meninos fizeram fila e ajoelharam beijando as mãos da Flavinha, da Carol e até da Mari, reforçando o pedido de desculpas.

- Você aí! Já pra cá pedindo desculpas!

- Beim! - repreendeu a patroa - Essa é menina...

- Ahhnnn. Então venha pra cá receber as desculpas.

- Não precisa, não...

- Agora!

Juliana saiu correndo e posicionou-se ao lado da Flavinha, com nojo da história de beijo na mão. Guizinho é que era um alce babão, porém ele não estava ocupado em prestar atenção à careta da Ju, tentou beijar Solange no rosto e acabou levando uma bofetada. O pai achou justo.

Com o rabinho entre as pernas os meninos ficaram estáticos, de cabeça abaixada, esperando segunda ordem para se mexerem, enquanto Carol folheava, freneticamente, a agenda conferindo se não faltavam folhas (ou farelos, já que tinha sido encharcada). Flavinha aproveitava para pescar uns segredinhos.

- Agora, repitam comigo - ordenou seu Glicério para os soldados

indisciplinados - Eu...

- Eu... - os três em coro.
- Nunca mais...
- Nunca mais...
- Vou ser burro a ponto...
- Vou... ser burro a ponto...
- De roubar alguma coisa...
- De roubar alguma coisa...
- E se for...
- E se for...
- Que meu traseiro fique mole e verde.
- ...

Testas franzidas. Olhos que se cruzam. Seja o que Deus quiser...

- Que meu traseiro fique mole e verde!
- Agora será que eu posso assistir ao meu futebol sossegado

Capítulo onze

- Mas, professor... Se as retas paralelas se encontram no infinito, elas não podem ser paralelas, porque retas paralelas nunca se encontram.

- Então, Felipe, se encontram no infinito.

- Então digo eu. Se elas se encontram lá, é porque se encontram em algum lugar, portanto não são paralelas.

- Felipe, você sabe o que é infinito?

- Sei. Sem fim. Mas isso não quer dizer que não tem começo. Só quer dizer que não tem fim. Se elas se encontrarem no começo do infinito, não são paralelas; se caso se encontrarem no fim do infinito, são, porque ele não tem fim. Mas a gente nunca vai saber porque não dá para ir até o fim do infinito para ver, já que ele não tem fim, né, professor?

- Me faz um favor?!

- O quê?

- Quando você chegar no terceiro ano, escolha Humanas, sim?

O professor ajeita os óculos e enxerga lá no fundo um menino vestido de boneca de porcelana, todo frufuzinho.

- Não me olha assim, não, professor. Estou pagando uma aposta.

Quase no final da aula um papel rabiscado chega, acidentalmente, nas mãos do garoto fantasiado. Ele abre e lê:

“Quem está achando uma fofura o Thiaguito de vestidinho?” Abaixo estava só um nome: Juliana. Olhou para trás e a menina deu uma piscadela. Um arrepio subiu vestido acima. Depois de tanta retórica, tentativa de desistência e horas pondo em prática técnicas para criar coragem, Thiaguito finalmente começava a achar que pagar a aposta não fora de todo ruim.

Guizinho é que não estava com paciência para o mundo. Já fazia quase uma semana do pandemônio na casa do Beca e, embora o pedido de desculpas, praticado no dia via joelho, tivesse tido um efeito aliviador da culpa e do remorso, Carol continuava não olhando para ele. Traumatizada, fingia que não

o conhecia e nem o cumprimentava. Passou a usar cadeado na mochila e aposentou a agenda, guardando-a a salvo de bisbilhotices, mesmo porque constatou, eufórica naquele dia, a maior parte fora danificada pela água, o que, embora fosse uma pena em termos de documentação histórica, foi decisivo para que seus segredos se mantivessem em segredo.

Flavinha começou a escrever em códigos. Parou dois dias depois porque dava muito trabalho.

Beca cansou do estresse com o sexo oposto e resolveu ficar em seu canto um período. A ex-amada também não lhe dirigia a palavra, principalmente porque depois de toda a sessão mea culpa o menino brincara com ela: “Flavinha, o que aconteceu com seu rosto? Está com sarampo ou pegou alergia a menino?” Com Carol falava de se cumprimentar, pois ambos tinham um segredo que não poderia correr o risco de ser revelado. Nunca mais a beijara. Nem vice-versa.

A organização Los Três Amigos entrou em latência porque ninguém tinha ânimo para reuniões e não havia grandes problemas que requeressem planos nomeados por iniciais. Beca nem queria mais voltar ao cargo de palhaço oficial. Não precisava de agenda para saber que as meninas agora os odiavam.

As horas arrastavam-se como se todos os relógios do mundo fossem de corda e o tempo se perdesse um pouco até que fosse girado o pino para que voltassem a funcionar. Era aula, advertência, reunião com a diretoria. O episódio rendeu muitas explicações.

A saída do colégio refletia a dinâmica do dia-a-dia: cada um tomava seu ônibus, sozinho, quietinho, e ia para casa estud... oops, nem tanto! Ia para casa descansar, ver televisão.

Foi na outra sexta-feira que o portão da escola barrou a entrada de um ser sinistro.

- Olha só quem aparece.

Juliana arregalou os olhos:

- Sombra?

- É, pois é. Aquele que levou um soquinho peso-pena e não achou nada engraçado. Não lembra mais de mim?

- Não e nem quero lembrar. Vem cá, Thiaguito - a menina foi saindo de mãos dadas com o baixinho, que se mostrou todo orgulhoso.

Um dos sombras do Sombra colocou-se na frente, impedindo a passagem.

Os dois viraram, caminhando em direção ao outro lado, que também foi barrado por um da gangue. Thiaguito e Juliana foram fazendo uma cirandinha até; que se viram cercados. O moleque engoliu seco e a menina apertou sua mão.

- Aonde vocês vão com tanta pressa? Eu não terminei de falar...

- A gente não quer ouvir! - gritou Thiaguito.

- Quem disse que vocês têm escolha?

O círculo foi fechando e começou um empurra-empurra, típico de pré-briga. Thiaguito foi preparando o punho, que ainda estava dolorido do soco na Ju, e esta sentiu que não dava conta de um bando inteiro com cara de revanche.

Quando o segundo olho do Thiaguito ia ficar roxo, ele ouviu do fundo uma gritaria:

(Desenho da garota de mãos dadas com o rapaz andando para se sair de um grupo de garotos.)

- Três por todos e três por um!!!

- Guizinho, sua geleca pintada, é um por todos e todos por um!

- Beca, cala a boca e soca, que depois a gente discute!

E pularam os dois para a briga. Tinham sido avisados da emboscada contra o amigo por um bilhete anônimo, escrito em prateado, sendo que a única menina do colégio inteiro que tinha caneta prateada importada era a Flavinha. Voaram para o portão.

Em verdade vos digo que três meninos e uma menina não podiam segurar uma turma de quinze (desta vez, eram quinze mesmo), mas fez-se o milagre da multiplicação: Nilo apareceu com metade da Mancha Verde e gritou: "Olê, Porco!!". Sombra e seus capangas passaram de cinza para amarelo e a tropa dispersou, cada um fugindo como podia, perante a legião de mais de cento e trinta "niloanos" com abrigos verdes e brancos. Ok, na verdade eram quarenta e sete. Somaram cinquenta - e um com Ju. Amém!

Nilo estufou o peito e caminhou gingado até Thiaguito.

- Falei que se pusesse a mãe no bicho eu virava meio.

- Hã?

- Eu disse - repetiu irritado - que meteu mãe na história é nós!

Beca olhou para Guizinho. O último soltou um “Iiihhh, nem tenta entender”. O importante é que Nilo chegara na hora certa.

Thiaguito deu a mão para o novo amigo que, para o bem da humanidade, nunca ficou sabendo que a agenda era da Juliana e não da mãe do garoto. Os cinquenta - e um - ficaram conversando sobre a quase-briga durante toda a saída e a turma palmeirense elogiou a coragem de Los Três Amigos, embora achessem que tivesse sido pura burrice.

Foi o assunto do fim de semana e da semana seguinte.

Thiaguito caminhava pela escola como um rei, pois era amigo do Nilo e botou o Sombra no lugar que era o dele: o exílio. Merecia ser presidente dos Estados Unidos!

Teria virado um convencido, é verdade, não fosse pela convivência com Ju, Beca e Guizinho, que sempre o lembravam de como as coisas são de verdade.

- Ô, cabeça de amendoim! Pega o lápis lá pra mim!

- Cala a boca, marreco gago!

Teria acabado tudo em salgadinho, porque a cantina da escola não vendia pizza, se a Flavinha e a Carol não tivessem desistido de falar com os meninos. As últimas palavras que ouviram delas foram aquelas, no dia fatídico:

- Se vocês abrirem a boca sobre alguma coisa escrita aqui, a gente esfolia vocês vivos e frita o resto com óleo de fígado de bacalhau!!!

Nenhum dos três duvidou da veracidade das palavras. Desde então, nem um grunhidozinho. Apenas o bilhete, pois se Thiaguito morresse, elas não teriam a chance de fritá-lo.

Foi Beca quem criou coragem, quase um mês depois:

- Flavinha...

- Não falo com bisbilhoteiros, fofoqueiros - olhou para ele -, nem traidores.

Beca ficou branquinho, branquinho. Uma piscada depois foi falar com Carol.

- Você contou pra ela?!?!

- Claro!

- Como claro?!?

- Claro, você queria que eu perdesse a amiga?

Beca agarrou os próprios cabelos:

- O que você falou pra ela?!?!?

- Que você me beijou duas vezes contra a minha vontade e na última vez eu virei um tapão!

- Mas é mentira!!!

- Ah, desculpe. Você mentiu sobre a agenda, sobre nós dois, sobre seus amigos, sobre infinito e agora vem me cobrar porque eu contei minha versão dos fatos? Melhorada, tudo bem, mas minha versão.

A cara do Beca merecia uma foto e Carol teve até vontade de rir.

- Tá, estamos quites agora.

- Estamos quites - concordou a menina.

Demorou mais uns dois dias para a Flavinha voltar a falar com o Beca. Coisa de “oi, tudo bem?” e só. Na segunda semana passou para “E aí, Beca? Tudo jóia?”. Na metade da terceira semana já escorregou para: “Bequinha, o que você vai fazer na sexta à tarde?”. Tudo em paz, exceto pela ratoeira armada que ela passou a carregar dentro da mochila.

Carol cansou do Guizinho, cansou do Beca. Foi paquerar o Sergião. Até descobrir que ele já tinha namorada. Passou para o Marcos, o do brinquinho. Mas ele tinha uma voz esganiçada. Investiu no Beto, que gostava mais de futebol que de meninas. Depois vieram Christian, Guto, Renatinho, João...

- UÁÁÁÁÁÁÁ!!!! Flá, eu não consigo arrumar um namoradooooo!!! Esses meninos são todos uns idiooooootaaas!!!! UÁÁÁÁÁÁÁ!!!!

Até que a Cida, de Português, mandou ler Carlos Drummond de Andrade: “Êta Vida Besta, sô!”.

Foi atrás do vizinho novo, o Maurinho. Uma gracinha...

Guizinho também cansou da Carol. Ficou apaixonado pela Solange e todo dia aparecia para jantar na casa do Beca.

- Cara, estou achando que essas suas visitas na têm nada a ver com videogame.

- Imagina, Beca, impressão sua - respondeu com olhos vidrados, virados para a esquerda, onde a irmã mais velha do amigo colocava um calço na mesa bamba, com um decote generoso, pendendo para baixo.

- Que coisa maravilhosa... - suspirou Gui.

Beca levantou-se de supetão.

- A comida, Roberto Carlos, a comida - explicava Guizinho, sem se virar.

Agora o leitor atento deve estar resmungando “Esse livro é uma porcaria! Como é que a Julian, não ia nem ligar para o roubo da agenda dela? Virou namoradinha do Thiaguito e não rolou nem uma briguinha depois do soco? Que ridículo!”.

Juliana explica:

“Ah, sabe o que é? Eu curto andar de skate e falar palavrão, né? Mas não preciso ser estúpida que nem o Sombra. Pode ter estilo, tal, mas não tem cérebro. Achava o Thiaguito sem-graça, só que depois fiquei sabendo de uma coisa aqui, outra ali, que ele andava de skate, me pareceu mais bonitinho. Foi então que aconteceu o lance da agenda. Fiquei p..., ai, desculpa, fiquei furiosa! Mas quando o Sombra me contou que ele tinha pegado porque gostava de mim, já baixei um pouco as armas. Daí o Sombra ficou tirando sarro de mim e dele, nem respeitou o sentimento do menino. Todo o encanto que ele tinha se quebrou. Iiihh, estou muito melosa? Corta essa parte!

Bom, o espinhudo do Sombra nem quis me devolver a agenda e eu comecei a ficar mais do lado do Thiaguito que dele. Tivemos uma briga feia e eu tive vontade de esganá-lo. Quando soube que ele tinha ido atrás do Thiaguito, fui junto. Era a chance que eu queria para dar o troco. Bati nele, coitado, e acabei me resolvendo nessa história toda. Mas eu ainda não gostava, assim, do Thiaguito - ai, que vergonha! - só que a gente ficou amigo, teve todo aquele lance que passamos juntos na casa do Beca, tal... Foi muito legal. Descobri que a vida dele pode ser mais movimentada que a do Sombra. E o Thi é muito mais divertido...

O quê? A história de ser patricinha? Ah, foi um momento de fraqueza... Era só para que o Sombra me odiasse de verdade e todo mundo soubesse que ele saiu com uma patricinha. Ia ser uma vingança boa, mas eu nem estava a fim de mudar meu estilo. Além do mais, o Thiaguito gosta de mim assim e pronto. Posso ir agora? É que se não a pista fica muito cheia e a gente não consegue andar de skate direito. Fica uma fila danada...”

Epílogo

A mãe do Thiaguito arrumando (ou tentando) o armário dele:

- Thiago!

- Fala, mãe!

- Posso jogar essas tampinhas fora?

- Pode.

Quatro segundos depois:

- Thiagooo!

- O que é, mãe!

- Tem uns papéis xerocados aqui no fundo. Posso jogar também?

“Papéis? No armário de roupa?”, estranhou Thiaguito.

- Espera aí, deixa eu ver...

Subiu a escada.

- Cadê?

A mãe entregou a pilha de folhas.

Thiaguito leu a cabeça da primeira:

“15/4. O Beca é mesmo um chato, se eu tivesse escutado a Carol...”

- AAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHHHH!!!!!!!!!!!!!!

A Autora

Adriana Gattermayr Ribeiro nasceu em São Paulo, em 26/12/75.

Escreveu seu primeiro livro com 7 anos, ilustrações em canetinha verde e sem nenhuma vírgula, ponto final ou ponto de exclamação, porque detestava a aula de pontuação. Percebeu que assim não ia dar certo, aprendeu a gostar de português e terminou estudando publicidade na Escola Superior de Propaganda e Marketing, 11 anos depois.

Atualmente trabalha com marketing cultural, criando e produzindo projetos para grandes empresas investidoras.